Sob a luz de Antares

miolo_sob_ceu_antares.indd 1 07/03/2017 11:10:39

miolo_sob_ceu_antares.indd 2 07/03/2017 11:10:39

ODUVALDO MATTA

Sob a luz de Antares

autografia

EDITORA AUTOGRAFIA

Rio de Janeiro, 2017

miolo_sob_ceu_antares.indd 3 07/03/2017 11:10:39

EDITORA AUTOGRAFIA

Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda.
Rua Buenos Aires, 168, 4º Andar – Centro
Cep: 20070-022
Rio de Janeiro

Sob a luz de Antares
MATTA, Oduvaldo

1ª Edição
Fevereiro de 2017
ISBN: 978-85-518-0057-7

Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização do autor e da Editora Autografia.

APRESENTAÇÃO

Este livro reúne coletânea de poesias, cartas e peças teatrais de Oduvaldo do Nascimento Matta, químico industrial, nascido em Muzambinho-MG (08/07/1903) e falecido em Santos Dumont-MG (20/06/1977).

Morou em Campos dos Goytacazes de 1928 a 1932, onde, na Estação Geral de Experimentação daquela cidade, realizou estudos visando dar suporte técnico à indústria açucareira, tendo o resultado destes estudos publicado em livro de sua autoria: "A Analyse da Canna de Assucar e seus Productos e a Fabricação do Assucar em Campos".

Retornando ao Rio de Janeiro, então Distrito Federal, dedicou-se ao magistério, criando com sua mulher, a professora campista Antônia de Santa Rita Matta (Caçula, apelido de família), o Ginásio Wladimir Matta, na Tijuca. O nome homenageia seu pai, Juiz de Direito em diversas comarcas de Minas Gerais a começar pela cidade de Tiradentes em 1893.

De sua trajetória como magistrado, conta-nos o Ministro Edmundo Lins, presidente do Supremo Tribunal Federal de 1931 a 1937, seu colega e amigo, em artigo publicado no Jornal do Comércio de 18/10/1942 sob o título "Reminiscências da Vida Pública - Dr. Wladimir do Nascimento Matta":

miolo_sob_ceu_antares.indd 5 07/03/2017 11:10:39

"...Condoído da insipidez em que os presos passavam as intermináveis horas do cárcere, teve a inspiração de explicar-lhes o Evangelho, com a abnegação de um sacerdote, e com o mérito tanto maior quanto era um incréu.

Ao verificar que muitos dos encarcerados não podiam acompanhar a leitura por serem analfabetos, desdobrou a explicação do Evangelho em aula de primeiras letras, onde lhes ensinava a ler, contar e escrever.

E, não contente, resolveu abrir em sua própria casa um curso gratuito e noturno - Liceu Tiradentino - para quantos analfabetos quisessem frequentá-lo."

Quase meio século depois, mais do que a visão de mundo de alguém que viveu duas Guerras Mundiais e três golpes de Estado no Brasil, os escritos do filho do juiz revelam os pensamentos, às vezes esperançosos e quase sempre melancólicos, de um homem que refletiu sobre a vida, o amor, a família, a religiosidade, a educação, o sentido da existência humana, o futuro e a morte.

Oduvaldo não se contentou em viver a vida. Precisou também pensá-la.

São estes pensamentos que você lerá agora em "Sob a luz de Antares", escrito na década de 1940, uma coleção de poemas e cartas de muita inspiração e lirismo que, certamente, o deixará no rastro da emoção.

miolo_sob_ceu_antares.indd 6 07/03/2017 11:10:39

Encante-se com o trecho a seguir, extraído de uma das cartas:

"Mais que a sedução rubra dos teus lábios e a doçura inigualável dos teus beijos, mais do que a graça de teu porte harmonioso, foram teus olhos cismadores, querida, que acenderam em mim este amor irrestrito e apaixonado, que me prenderá a ti até o final dos meus dias.

Foram eles que me trouxeram, numa mensagem luminosa, a senha encantada que abriria para mim as portas da tua alma insatisfeita e sonhadora, que tanto tempo esperou por mim, à beira do caminho da vida, por onde eu haveria de passar"

Boa Leitura!

Daniel Mata Roque (bisneto)

Luiz de Santa Rita Matta (filho, in memoriam) que, com esforço pessoal, reuniu a obra de seu pai ora publicada

Olímpio Santa Rita Mata (filho)

miolo_sob_ceu_antares.indd 7 07/03/2017 11:10:39

miolo_sob_ceu_antares.indd 8 07/03/2017 11:10:39

INTRODUÇÃO

A ARTE DE ENSINAR

Há pouco, soara o sino da pequenina igreja, no Largo do Maracanã, chamando à missa das sete, e... já os alunos se acomodavam nas salas de aula do velho Colégio, onde encontrei o meu primeiro emprego.

E, mal começara a datilografar algumas fichas, quando, com um visível ar de preocupação, me entra o inspetor secretaria adentro, para informar acerca da ausência dos professores de História e de Ciências.

Aí, de sua mesa, pousando serenamente os óculos sobre os papéis que assinava, levanta-se o Sr. Diretor, e... sem perda de tempo, vai à estante buscar os programas da 3ª e 4ª séries do curso ginasial.

Momentos após, já o tínhamos em plena sala de aula, frente a seus alunos, e... o mais admirável, a lhes ministrar lições que não se esquece, obedecida, sempre, a matéria programada para o dia!!

Assim era o saudoso Dr. Oduvaldo Matta. Formado em química, diretor de colégio, pedagogo, escritor, mas, antes de tudo, um Mestre.

miolo_sob_ceu_antares.indd 10 07/03/2017 11:10:39

Em seu Colégio, ainda na antiga sede da Rua do Bispo, cursei as últimas séries do ginasial, e, anos mais tarde, já no Largo do Maracanã, acabei sendo o seu secretário.

O seu Magistério inato, aquele verdadeiro "dom" de transmitir conhecimentos, creiam, não se limitava à sala de aula, tendo – ao longo da vida – se transformado no traço predominante da sua personalidade. Nele, a difícil tarefa de ensinar, antes de se constituir em um ato programado e solene, despontava com a maior naturalidade, espontânea, sem nenhum esforço.

Era, por assim dizer, com aquele seu jeito despretensioso e amigo, uma inesgotável fonte de cultura, à qual tanto recorremos; ora, dando solução aos problemas administrativos de um pequeno Colégio, ora, na busca de resposta às tantas dúvidas da juventude, e... até mesmo, na descontração de uma rodada de chopp, onde não raro se juntava aos mais moços, como uma espécie de "poder moderador" à impetuosa imaturidade, dos nossos verdes anos.

Ah!!... o nosso inesquecível Dr. Oduvaldo; que admirável figura humana. Como me lembro da sua casa no 895 da Rua Conde de Bonfim. Acabava o jantar, e... não raro, ainda que convidativa a noitada de sábado, por lá ficávamos até tarde, sentados à mesa, os filhos e alguns amigos como eu, tendo-o à cabeceira, a nos deliciar com os seus casos, os seus ensinamentos, aquelas verdadeiras Lições de Vida, que, hoje... tanto nos fazem falta.

E, neste oito de julho, ao vermos transcorrer a data do seu aniversário, sentimo-nos de volta àqueles quadrantes da vida, nos quais estiveram sempre presentes todo o

miolo_sob_ceu_antares.indd 11 07/03/2017 11:10:39

seu desprendimento e compreensão. Pedaços de memória, que, ainda hoje, me fazem ouvi-lo, com sua palavra amiga, e... aquela sua incomparável Arte de Ensinar.

Fernando Carlos Fernandes da Silva (Carlão)

Rio de Janeiro, RJ – Rádio do Ministério da Educação
08 de julho de 1989

miolo_sob_ceu_antares.indd 12 07/03/2017 11:10:39

POESIAS

ANTARES

Antares, Estrela alfa da constelação.
Coração luminoso e palpitante,
Do gigante Escorpião zodiacal,
Que passa pelos céus do antártico hemisfério,
Nas horas primeiras das noites de junho,
Nas horas tardias das noites d'estio,
Ao rubro e belicoso Marte contrapondo-se,
Como um sereníssimo símbolo da paz.

Antares. Centro de atração e equilíbrio,
Na mecânica perfeita das esferas,
Governando no espaço os compassados movimentos,
Das celestes engrenagens, ignotas,
Rodando eternamente no infinito.

Antares. Minha gentil estrela favorita,
Mais que tudo isso, és para mim,
Um marco no tempo e um símbolo de amor.

miolo_sob_ceu_antares.indd 14 07/03/2017 11:10:39

Confidente fiel, silenciosa,
Dos sentimentos mais puros que já tive
E testemunha das horas felizes que vivi.
Teu nome, Antares, desperta-me saudades
Das noites límpidas em que te conheci,
Através das paternas lições,
Nos livros naturais, espalhados e abertos,
No céu onde estás e na terra onde estou.

Também o amor, também a paixão,
Teu nome, Antares, faz-me lembrar,
Avivando-me na mente, apaixonada e saudosa,
A figura inesquecível da mulher bem amada,
A quem, como a ti, também chamo Antares,
Que te dei a conhecer, emocionado e feliz,
Numa noite de junho, já faz muito tempo.

Nesse momento sem par de minha vida,
Sob tua luz, comovidos juramos,
Jamais te esquecer.
E entre todas, nós te elegemos
A estrela confidente, amiga e boa,
Que daí por diante, marcaria no céu,

miolo_sob_ceu_antares.indd 15 07/03/2017 11:10:40

Com douradas letras, indeléveis,
As datas felizes dos raros encontros
E das horas sem conta das longas ausências.

Antares. Misto de estrela e de mulher,
Ligadas misteriosamente ao meu destino,
Por maravilhosa afinidade.
Saudade do passado, em ternura agora transformada.
Luz do céu, que em amor, na terra se transmuda,
Dando enlevo e inspiração à minha alma
E risonhas esperanças de ventura à minha vida.

1944

miolo_sob_ceu_antares.indd 16 07/03/2017 11:10:40

PALAVRAS A UM URUBU

Pobre urubu, execrado pelos homens,
Porque te banqueteias no resto imundo
Dos corpos abatidos por outros, que não tu,
Consola-te, porém, porque também eles
Saciam a sua fome na carne dos defuntos
E devoram pela boca enorme dos canhões
A carne jovem dos próprios irmãos.
Mas, quando tuas asas espreguiças
E alças o teu voo, rumo ao azul do céu,
Igualmente te parecem homens e carniças,
Tão longe te pões da humana criatura.

Que feliz deve ser caminhar assim,
Livre, pelas rotas do espaço,
Que se estendem indefinidamente!

miolo_sob_ceu_antares.indd 17 07/03/2017 11:10:40

Procurar livremente a companheira
E encontrá-la tão livre quanto tu.
Construir o ninho nas altas penedias
Ao abrigo dos homens e das feras,
Num clima próprio aos naturais desejos.
O primeiro a receber a benção do sol
No frescor das madrugadas,
Último a vê-lo deitar-se no horizonte,
Tingindo de ouro e rosa o véu de noiva
Que as nuvens bordam nas montanhas.

Meu velho e mísero urubu!
Eu quisera ser assim:
Obscuro e esquecido,
Mas, feliz e livre como tu.

Rio, janeiro 1944

miolo_sob_ceu_antares.indd 18 07/03/2017 11:10:40

CONSOLO

Eu bendigo as estrelas rutilantes,
Que há milênios rolam n'amplidão,
Governando mundos, inspirando amantes,
Desfilando nos céus em multidão.

Aos que vivem na terra, vacilantes,
Almas apartadas, buscando-se em vão
E sempre separadas, tristes e distantes,
Uma vida obscura, erma de ilusão,

Meigo consolo são suas luzes serenas,
Que descem dos céus nas noites amenas,
Trazendo nelas refletido o olhar incerto,

Que tanto se esperou e tão tarde veio,
Quando o caminho da vida já vai a meio,
Sempre árido e nu como um deserto.

Rio, maio de 1944

miolo_sob_ceu_antares.indd 19 07/03/2017 11:10:40

QUANDO A SAUDADE VIER NOS VISITAR

Viaja pelos céus uma estrela,
Cujo nome segredei aos teus ouvidos
Numa gloriosa noite de paixão,
Quando longamente, apaixonadamente,
Beijei os teus cabelos, tua face, tua boca.
Ensinei-te o lugar do céu onde ela mora
E o caminho de sua luz pelo espaço,
Para, quando a saudade vier nos visitar,
Na prisão onde moram nossas almas,
Revivendo em nós a doçura dessas horas,
Encontrarmos de novo nosso olhar,
Na estrela amiga e confidente,
Que lá do céu, assistiu nossos amores,
Nas gloriosas noites de paixão
Que em nossa vida já vivemos,
E que rolaram como seixos na torrente,
Para a grande noite do passado.

Rio, 2 de julho de 1944

miolo_sob_ceu_antares.indd 20 07/03/2017 11:10:40

MIRAGEM

Eis, querida, o que restou do nosso amor:
Fragmentos de música e uns farrapos de versos;
Resquícios de perfumes, um pouco de baton
A manchar de rubro a alvura do lenço,
Que guardou com usura em suas malhas,
Umas gotas de lágrimas.
Do velho sonho de amor,
Restou apenas uma sombra, tênue e descorada
Como a névoa que paira nas ruidosas cachoeiras.
O ideal da vida, longamente acalentado,
Transformou-se num fantasma,
Vago, indefinido, imponderável,
Que, de tempos em tempos,
Visita nossos corações aflitos
Na tormenta da existência,
Em que andamos perdidos, como náufragos,
Na desesperadora vastidão dos oceanos.
E hoje, aguardando a um canto da vida,

miolo_sob_ceu_antares.indd 21 07/03/2017 11:10:40

A hora da viagem libertadora,
Vivo me embriagando na saudade do passado,
Dentro da enfadonha rotina do presente,
Tal como o exausto caminhante,
Que, enquanto queima seus pés feridos
Nas areias ardentes dos desertos,
Mira com os olhos atônitos e chorosos
A mentira fugaz das águas cristalinas,
Eternamente a lhe fugir dos lábios requeimados,
Aguçando-lhe a sede, multiplicando-lhe o suplício.

Rio, 30 de agosto de 1944

miolo_sob_ceu_antares.indd 22 07/03/2017 11:10:40

MÚSICA

Homem, quando teus olhos atônitos descobrirem
Que as formas mais diversas
São fecundos exemplos de harmonia.
Quando eles virem com igual enlevo
Com que teus ouvidos escutam a música
Que desce dos céus nas asas do vento,
No canto das aves e no sussurrar das águas,
No ronco das feras e no estrondar do raio,
No choro da criança e nas canções dos moços.
Quando perceberes que o universo
É uma só orquestra,
Obedecendo ao ritmo da genial batuta,
Na execução da soberba sinfonia,
Onde os sons em formas se convertem.
Quando a imagem vista comover tanto
Como as melodias que, contrito, tu escutas
Nas horas quietas de meditação,
Compreenderás então que a música,

miolo_sob_ceu_antares.indd 23 07/03/2017 11:10:40

É um caminho aberto a tua frente,
Pelo trabalho divino dos artistas,
Entre a terra, onde lutas e padeces,
E o risonho céu dos sonhos teus.

Rio, 23 de setembro de 1944

miolo_sob_ceu_antares.indd 24 07/03/2017 11:10:40

ESPERANÇA

Como tarda o cobiçado dia
Que o sonho me revelou, existiria,
Guardado para nós, querida,
Nas sombras indecisas do futuro.

Esse dia iluminado e puro,
Em que minha alma comovida
Encontrará nas festas do teu amor
A desejada paz longamente reclamada,
Para encontrar novamente na vida,
A beleza perdida e o perdido esplendor.

Nesse dia, empolgado por teu amor,
Meus ouvidos de novo hão de escutar
As melodias naturais e puras,
Que ecoam nas fragas, cantadas pelo mar,
Que as aves entoam nas alturas
E as águas sussurram em cantilena,
Quando afagam docemente a tez morena

miolo_sob_ceu_antares.indd 25 07/03/2017 11:10:40

Das pedras, entre flores deitadas,
No seio das frescas selvas perfumadas.

Nesse dia, que tarda tanto à minha espera,
Num raio de luz, meus olhos viajarão
Pelos espaços insondáveis e profundos,
Onde, distantes de nós, na imensa esfera,
Gravitam, serenos, outros mundos.
Sentirei a harmonia que, na imensidão,
Rege suas vidas longínquas e ignotas,
Nas curvas que marcam as suas rotas,
Quando, majestosos, passam refulgindo
Através do céu eterno e lindo.

E voltarei desses passeios esperançado,
Com a sensação feliz e repousante
Da eternidade da vida.
E sentindo-se junto a mim, querida,
Cheia de amor, viva e palpitante,
Emocionado pensarei, fitando teus olhares,
Que, à semelhança desses astros milenares,
Que resplandecem no céu nas noites calmas,
Eternas também serão as nossas almas,
Para que tenhamos pelos tempos em fora,
A ventura de amar, como a temos agora.

Rio, 12 de novembro de 1944

miolo_sob_ceu_antares.indd 26 07/03/2017 11:10:40

A BOIADA

Os homens andam como bois numa boiada,
Lerdos e tristes, humildes e pacientes.
Pela planície da vida, chã e empoeirada,
Entre belezas passam alheios, indiferentes.

Mansos e cabisbaixos seguem pela estrada,
Presos ao chão os olhos baços e tementes.
Dócil e absorta caminha essa manada,
De criaturas pensantes e inteligentes.

De nada lhes valeu a divina semelhança,
Nem a centelha sublime da esperança,
Que outros ideais deveria iluminar.

Tal como os bois os homens vão passando,
Obedientes e servis, em magotes andando,
Trazendo como escravos temores no olhar.

miolo_sob_ceu_antares.indd 27 07/03/2017 11:10:40

ou

Às manjedouras dos cafés comem encostados,
Em promiscuidade andam, em lotes apertados,
Em tropel a poeira das ruas revolvendo.

De nada lhes valeu a divina semelhança,
Se vivem como bois. Criaturas sem esperança,
Nascidas para deuses, como escravos vivendo.

Rio, 26 de novembro de 1944

miolo_sob_ceu_antares.indd 28 07/03/2017 11:10:40

RIQUEZA

Há em meu coração um tesouro,
Onde, de mistura com o ouro
Puro e incorruptível dos ideais,
Estão as joias dos sentimentos puros.

Dos ávidos olhares do mundo malfazejo,
Com temores de perdê-la, escondo essa riqueza.
Avaramente guardei-a à tua espera,
Porque em tuas mãos,
Somente em tuas mãos amadas,
Pôs o destino as chaves encantadas,
Que abrem sem fragor, as suas portas.

Vem querida, vem novamente abrir
As cerradas portas do meu cofre
E recolher em tuas mãos,
Essa predaria valiosa e oculta,
Cujo brilho logo se acende,

miolo_sob_ceu_antares.indd 29 07/03/2017 11:10:40

Quando docemente a envolve,
Serena e amorosa,
A meiga luz do teu olhar amigo.

Então, como um diamante, resplandece o meu amor
E meu desejo fulgura, vivo e impetuoso,
Como os reflexos rubros e ardentes do rubi.
Lembram esmeraldas as minhas esperanças,
Refletindo para o céu as alegrias todas,
Que agitam minha alma em festa,
Quando a luz que vem de ti,
Ilumina e evidencia o meu tesouro.

Depois, quando te vais,
Quando febrilmente, inutilmente,
Meus braços se agitam no espaço
E encontram-no vazio.
Quando meus ouvidos não escutam mais,
Ditas pela tua voz,
As palavras de carinho que eles reclamam,
Então, qual safira melancólica,
A saudade se revela.
E as lágrimas que, em silêncio, eu choro,
Guardadas como pérolas, nas profundezas do meu ser,
Brilham em meu olhar tristonho,

miolo_sob_ceu_antares.indd 30 07/03/2017 11:10:40

Como as joias mais ricas que eu tenho,
No tesouro que eu guardo à tua espera.

Rio, 30 de novembro de 1944

miolo_sob_ceu_antares.indd 31 07/03/2017 11:10:40

SAUDADE DO MAR

Eu preciso ver o mar.
Há tanto tempo já,
Que meus olhos fatigados
Não miram as suas águas inquietas,
Nem meus ouvidos escutam
As cantigas que elas cantam,
Quando se rojam pelas praias,
Enfeitando as úmidas areias
Com as rendas das suas espumas,
Ou quando grimpam pelas escarpas,
Para resguardar com a túnica das suas ondas
A face calcinada dos rochedos.

Fonte misteriosa da vida.
Remota sementeira, que em eras afastadas,
Da messe pródiga e infinita,
Dos multiformes seres que habitam a terra.

miolo_sob_ceu_antares.indd 32 07/03/2017 11:10:40

Alguém ensinou-me um dia,
Que é também o mar
Uma fonte de paz e um refúgio de calma,
Nas horas tristes de desânimo
Ou nas agitadas horas de revolta,
Quando a alma escravizada,
Se vê perdida e dominada
No emaranhado de cadeias
Que limitam os seus anseios.

Quero vê-lo novamente,
Como tantas vezes tenho visto.
Sinto que calma encontrarei
Quando escutar os seus rumores
E a paz eu acharei em seus reflexos,
Porque eles me falarão de ti,
Devolvendo aos meus ouvidos
A mesma música que juntos escutamos,
E, aos meus olhos, a mesma luz
Que iluminou, perto de mim, a tua face,
Nas remansosas tardes de outrora,
Quando miramos as suas águas inquietas
E escutamos as cantigas que elas cantam.

Rio, 12 de dezembro de 1944

miolo_sob_ceu_antares.indd 33 07/03/2017 11:10:40

ATENTA TEUS OUVIDOS

Vibram no espaço misteriosas harmonias.
Atenta teus ouvidos, oh caminhante descuidado
E escuta esses rumores que em torno de ti,
Agora e sempre, agitam o espaço que te cerca,
Povoando-o de estranhas melodias,
Enchendo-o de rimas e versos multiformes,
Que se propagam em todos os sentidos.

Escuta esses rumores, tu que também sofres.
São poemas que nunca foram escritos,
Inspirados e sentidos no rigor do sofrimento.
São as baladas nostálgicas e tristonhas,
Cuja pauta ainda hoje está em branco,
Das notas que brotaram como flores,
Nas almas em conflito que choraram.

São os recônditos pensamentos,
Que, antes de ti, muitos outros já tiveram.

miolo_sob_ceu_antares.indd 34 07/03/2017 11:10:40

Sensações dolorosas de injustiças,
Legítimas ambições recalcadas e desfeitas,
Nobres ideais, que mal puderam se esboçar,
Sonhos que se desfizeram como a névoa da manhã
Deixando n'alma uma sensação triste de abandono.

Atenta teus ouvidos e escuta:
São gemidos e suspiros tão profundos,
Que não chegaram a transpor os lábios mudos.
Também imprecações, cóleras e revoltas,
Chegarão como um tumulto aos teus ouvidos.
De tudo isso falarão a ti esses rumores,
Que, agora e sempre, agitam o espaço que te cerca.

É a soma total das queixas e anseios,
Que desde as origens, traz consigo a humanidade,
Da qual és apenas uma ínfima parcela,
Cuja voz trêmula, medrosa e indistinta,
Se confunde no grande coro universal,
Que ressoa nos ares, misterioso e profundo,
Resumindo numa voz, as vozes dos que sofrem.

Rio, 30 de dezembro de 1944

miolo_sob_ceu_antares.indd 35 07/03/2017 11:10:40

APELO

Vem a mim, meu amor,
Que estou em sofrimento.

Eu amo a paz das tardes bonançosas,
Mas, minha vida é uma tormenta,
A rugir furiosa como o mar,
A uivar tristemente como o vento,
Porque tu ainda não chegaste, meu amor.

Eu quero sonhar, quando erguer meus olhos
Para os céus, nas noites quietas,
Mas o destino me agrilhoa e embrutece,
Na prisão escura que nunca se ilumina,
Onde há castigos de que nunca me liberto,
Porque tu ainda não chegaste, meu amor.

Eu quero amar perenemente em minha vida,
Quando ouço o canto amoroso dos poetas

miolo_sob_ceu_antares.indd 36 07/03/2017 11:10:40

E escuto as sentidas harmonias dos artistas,
Mas, a minha boca se emudece,
A inércia invade-me e domina-me os gestos,
E um rancor estranho e recalcado,
Agita e turbilhona minha alma,
Acendendo luzes sinistras nos meus olhos,
Porque tu ainda não chegaste, meu amor.

Vem, meu amor, aplacar com tuas mãos
A tormenta raivosa que estruge,
Como a onda batendo nos rochedos.
Vem trazer-me, com teus olhos bons,
Um sonho bom, nas noites quietas.
Vem trazer-me com a tua presença desejada,
O amor de que preciso e que me falta,
Para que eu me liberte e me redima
Da prisão escura que nunca se ilumina,
Onde meu ser aos poucos se anula,
Porque tu ainda não chegaste, meu amor.

Vem a mim, meu amor,
Que estou em sofrimento.

Rio, julho de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 37 07/03/2017 11:10:40

A VOLTA

Quando o vento roçar em teus cabelos
E parecer-te que alguém te está chamando;

Quando um vagalume acender as suas luzes
E parecer-te que alguém te está olhando;

Quando tocares numa flor, viçosa e bela,
E sentires que alguém tocou em tua pele;

Quando olhares para o céu nas noites calmas
E vires em cada estrela sempre a mesma face,

Não te assustes D... tão querida,
É tua H... que anda sempre junto a ti,

A brincar alegremente em teus cabelos,
A pintar de azul o tom dos olhos teus,
A fazer uma festa perfumada em tuas mãos,
A mandar-te, aos milhões, os seus sorrisos.

Rio, agosto de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 38 07/03/2017 11:10:41

MENTIRA

Que de penas há em meu viver,
Que amargores meus lábios têm bebido.
Quantos ideais vou vendo fenecer,
Como rosas que murcham para sempre,
Nos extremos das hastes alongadas,
Voltando para a terra as pétalas enrugadas,
Depois que o sol ardente do estio,
Como saudoso e arrebatado amante,
Longamente, febrilmente, lhes beijou, sedento,
As rubras e sedutoras faces.

Quantos sonhos vão ficando para trás,
Esquecidos, perdidos no caminho,
Como a poeira dourada e fina,
Que em vão se ergue e tenta
Seguir o trem, veloz e fugitivo
Que, em torvelinho, a levanta do leito da estrada,
Quando passa, apressado e fumarento
Sob o chicote exigente do horário.

miolo_sob_ceu_antares.indd 39 07/03/2017 11:10:41

Como um frio vento de outono,
O destino e o tempo,
Mancomunados para o crime,
Sacudiram em minha alma florida,
A árvore dos dourados pomos,
Deixando-a nua e desgrenhada,
Agitando para os céus, miseravelmente,
Os braços nus e longos,
Numa súplica inútil e prolongada.

Sonhos, ideais, beleza,
Por que surgistes assim à minha frente,
Como luminosas visões enganadoras?
A prometer-me como possível,
O que era apenas uma mentira?

Rio, 9 de setembro de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 40 07/03/2017 11:10:41

FOLHA MORTA

Folha morta, amarela,
Da mãe-árvore, verde e linda,
Levada ao léu, tocada pelo vento,
Para a terra úmida e fria
A enriquecer-lhe o húmus benfazejo,
Com o tesouro que ficou em tuas malhas.

Folha morta, abandonada,
Da mãe-árvore, altaneira e frondosa,
A apodrecer no chão, ostentando as nervuras,
Salientes como as veias dos velhos,
Onde correu a seiva, rica e forte,
Que num misterioso paradoxo,
Fazia-se verde em teu espelho,
Quando sobre ele descia o ouro do sol.

Folha morta, esquecida,
Fio de cabelo caído,

miolo_sob_ceu_antares.indd 41 07/03/2017 11:10:41

Da ondulante e verdejante coma,
Que as mãos invisíveis do vento,
Revolviam com estranha volúpia,
Em festas gentis ou violentas,
Que a mãe-árvore, paciente e constante,
Voluvelmente, fazia esse andarilho.

Folha morta, atirada ao solo.
Ouvido perscrutador e atento,
Da mãe-árvore, viva e palpitante,
A escutar as confidências das aves,
Feitas em música, junto aos ninhos,
Nas tardes plácidas e azuis.
E o alvoroço das abelhas indiscretas,
Cobrindo-se de pólen cor de ouro,
Na faina de alcovitar os amores vegetais.

Folha morta, pisada, destruída.
Mão presa ao galho da mãe-árvore,
Levantadas para o céu, distante, indiferente,
Numa súplica inútil e comovedora,
A pedir coisas impossíveis,
Na hora espiritual do crepúsculo tristonho.

miolo_sob_ceu_antares.indd 42 07/03/2017 11:10:41

Folha morta, amarela, apodrecida.
Filha anônima, esquecida,
Da mãe-árvore, bela e faceira,
Namorada gentil e infiel,
A dividir com o sol e o vento seus amores.
Eu me lembro de ti, nesta amena primavera,
Que transforma a vida numa festa,
Para as tuas verdes irmãs,
Que esquecidas de ti,
Vivem alegremente na floresta.

Eu me lembro de ti,
Nesta amena primavera,
Como quem se lembra, com saudade,
Da querida amiga que se foi.
Eu me recordo de ti,
Carinhosa e gratamente,
Pelo muito que te deve a minha vida.
Na pureza que deste ao ar que respirei,
Na água que fizeste cair do céu em minha boca,
Nas luzes de esperança, tão brilhantes,
Que tu já acendeste nos meus olhos.

21 setembro 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 43 07/03/2017 11:10:41

MEU PIÃO

Quando eu era menino,
Alegre e feliz colegial,
Dividindo o tempo entre livros e brinquedos,
Gostava de lançar à roda o meu pião.

Que de zelo havia nos meus gestos,
Quando, na dócil fieira de barbante,
Enrodilhava seu brilhante corpo torneado.
Que triunfo brilhava nos meus olhos,
Quando o atirava à maneira de arpão
E o via espetar, firme como uma flecha,
A roda onde estavam outros piões.
Que orgulho de vê-lo assim no prélio,
A zumbir no chão, como um besouro
E bailando como ágil bailarino,
Passear garbosamente entre os rivais.

miolo_sob_ceu_antares.indd 44 07/03/2017 11:10:41

Ai de mim, meu pião inesquecível,
Meu querido pião de outrora.
Ai de mim, que em pião, também me tornaria,
Lançado como tu, à roda que é a vida,
Pela fieira misteriosa do destino.

Um pião a girar entre os demais,
Num louco e alucinado rodopio,
Que me entontece a cabeça e tumultua o coração.

Atordoado, gravito sem parar,
Batendo ao léu nos companheiros,
Outros piões, que giram como eu,
Na roda da vida que o destino demarcou.

De quando em vez, uma mão amiga e boa,
Compadecida me recolhe em sua palma,
Onde descanso por momentos,
Desse triste, trágico torvelinho.

Mas, logo a fieira do destino,
Rude, vigilante, impiedosa,
Estala como um chicote em minha vida,

miolo_sob_ceu_antares.indd 45 07/03/2017 11:10:41

Levando-me a girar de novo nessa roda,
A escavar a terra, onde afinal,
Como tu, pião do meu passado,
Acabarei também por me deitar.

Rio, setembro de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 46 07/03/2017 11:10:41

SAUDADE DA TERRA

Verdes serras que avultais no horizonte,
Cobertas de selvas, banhadas por chuvas,
Calcinadas ao sol, açoitadas por ventos,
Iluminadas à noite pela luz do luar,
Que um dia surgistes das entranhas da terra,
Eu vos vejo como um profundo soluço,
Erguido ao céu em épocas afastadas
E de súbito parando, em meio do caminho,
Ficastes assim em pedra transformadas,
Traduzindo a saudade, através da eternidade,
Que o ínfimo planeta, atirado à distância,
Na noite dos tempos, que longe já vai,
Sentiu do seio aconchegado e quente,
Da materna nebulosa, longínqua e colossal.

Rio, 20 de outubro de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 47 07/03/2017 11:10:41

NEVE DO TEMPO

Uma noite, a névoa fina e leve
Embranquecia a copa das árvores adormecidas,
Como um fino pó de arroz, imponderável,
Caído do céu, levemente, em suas frondes,
Dando-lhe aparência de grisalhas cabeleiras.

Nessa noite, serena e pálida,
Lembras-te, minha amada?
Cheia de fragrâncias e místicos enlevos,
Eu, à tua frente, no portão do teu jardim,
Despedia-me de ti, com a alma torturada,
Quando vi de repente, como em sonho,
A lua tingir de prata, em tuas fontes,
Esses cabelos que tantas vezes eu beijei,
Tremendo de emoção, palpitando de amor.

Que redobrado anseio agitou meu coração,
Quando te vi assim, cabelos prateados,

miolo_sob_ceu_antares.indd 48 07/03/2017 11:10:41

Como um dia os terá, iguais aos que eu tiver,
No futuro, para onde caminhamos,
Levando unidas nossas almas,
Num ideal comum e resguardado,
Que iluminará e consolará as nossas vidas,
Já que o destino nos impõe esse desterro
Em que vivemos como dois proscritos.

Tanto mais injusta, então, nos há de parecer
Essa ausência que nos foi imposta,
Como imerecido castigo, pelo bem de se amar.
Verás admirada que força terá nossa saudade
E como nós, então, nos sentiremos,
Um do outro, muito mais amantes,
Quando a neve do tempo, sutilmente,
Vier pratear nossos cabelos.

Rio, outubro de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 49 07/03/2017 11:10:41

REDENÇÃO

Há nos teus olhos, mulher dos meus encantos,
Luzes estranhas e fulgurações desconhecidas,
Que vieram iluminar a minha mente,
Fazendo-me pensar de modo diferente,
Acerca da vida que se desenrola nos tempos,
Afetando mil formas e enchendo mil espaços.

Depois que os fitei, mulher dos meus amores,
Retornaram-me à memória adormecida,
As palavras candentes dos profetas,
Que ensinam haver além da carne, uma outra vida,
Em busca da qual se dirigem filósofos e poetas,
Renunciando às solicitações grosseiras da matéria,
Para alcançar as regiões superiores do espírito.

Por isso, cada vez que os fito,
Mulher dos sonhos meus,
Eu vibro e me comovo fundamente,

miolo_sob_ceu_antares.indd 50 07/03/2017 11:10:41

Quase a chorar,
Quando a luz que eles emitem,
Em mim vem despertar,
Essa parte superior e requintada,
Da divina essência,
Que jaz adormecida no meu ser embrutecido.

E creio então nas palavras redentoras,
Dos que falaram no passado, com os olhos no futuro,
E descreveram planos superiores de existência,
Para onde se deve caminhar, tendo como guia,
A luz do amor a iluminar, na senda, nossos passos,
Luz que para mim, já se acendeu
Nos olhos teus,
Mulher que me apaixona, exalta e me redime.

Rio, 4 de novembro de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 51 07/03/2017 11:10:41

ESTRANHA LINGUAGEM

Hoje, mais que nunca, teus olhos me falaram de amor,
Nessa estranha linguagem, silenciosa, penetrante,
Que sem ferir meus ouvidos, invade meu interior,
E minha alma triste, transfigura num instante.

Hoje, mais que nunca, senti essa falta luminosa,
Que me dá a entender, por uma força diferente,
Que a vida não é apenas essa série interminável, odiosa
De lutas, decepções, quedas e tropeços, a sufocar na mente
Das criaturas, os mais soberbos e nobres ideais,
Tornando-as esquecidas do seu superior destino.

Que mensagem de esperança foi hoje, para mim, o teu olhar,
Quando, acendendo sua luz, como um farol na noite sem luar,
Numa linguagem nova, falou de amor ao meu pobre coração.

Rio, 12 de novembro de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 52 07/03/2017 11:10:41

ATRAÇÃO

Há uma fascinação irresistível
Que vem dos teus olhos para os meus
E a eles me prende, assim arrebatado,
Como nunca me prendi, aos olhos de ninguém.
É uma força dominadora, permanente,
Nunca experimentada antes de te ver,
Que solicita assim constantemente,
Para os teus olhos, todo o meu ser,
Tal como o sol, na altura inatingível,
A atrair com estranha pertinácia,
O modesto heliotrópico perdido no jardim.

Rio, 20 de novembro de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 53 07/03/2017 11:10:41

VOZES PARECIDAS

Porque eu ouvi uma voz parecida com a tua
E vi alguém que me fez lembrar de ti,
Logo minha alma ficou toda alvoroçada,
Como um campanário nas manhãs festivas,
Bimbalhando aos ares esperanças e alegrias.

À memória acudiram logo, num tumulto,
As cenas todas do que já vivemos
E teu vulto inconfundível eu vi tão vivo,
Tão palpitante junto a mim andando,
Que guardei durante o dia todo
A sensação feliz de que eu te vira.

Senti teus olhos a fitar-me de pertinho
E os teus cabelos, minha amada inesquecível,
Pareciam andar roçando nos meus lábios,
Enchendo de perfume o ar em minha volta,
Enquanto nossas mãos mutuamente se apertavam.

miolo_sob_ceu_antares.indd 54 07/03/2017 11:10:41

Tua voz eu ouvi de novo, assim me parecia,
Musicando docemente em meus ouvidos,
Protestos e juras que não canso de ouvir,
Animando-me pra a vida difícil de viver.
Que alvoroço veio trazer hoje à minha alma
Essa voz que ouvi, tão parecida com a tua.

Rio, novembro de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 55 07/03/2017 11:10:41

LUZES NO CREPÚSCULO

Valeu a pena ter vivido até agora
Uma vida de conflitos e tormentas,
Se, embora, quase ao findar uma jornada,
Chegaram até a mim neste crepúsculo,
As magníficas promessas de um viver mais nobre,
Tal como sonhei durante tanto tempo.

Sim, valeu a pena resistir a tantos dissabores
E conduzir a vida para a frente,
Levando-a como um fardo pesadíssimo,
Se no caminho, ainda pude encontrar
A esplêndida ventura de fitar teus olhos
E reviver, então, com novas esperanças,
Sobre os destroços do que foi o meu viver,
Quando sobre meus olhos, quase cegos,
De tanto perscrutá-la em rumos diferentes,
A sua luz maravilhosamente doce,
Como jamais vi, em outros olhos,

miolo_sob_ceu_antares.indd 56 07/03/2017 11:10:41

Fazendo-me esquecer as penas já sofridas,
Como um sonho mau que já passou.

Recompensado estou no tempo decorrido,
Em que a vida foi apenas anseio
E justas ambições nunca satisfeitas.
Recompensado estou de tudo que sofri,
Por ter chegado a tempo de alcançar
O momento justo em que, como fulgente meteoro,
Cruzarias o rumo de minha vida, apagada e sombria,
Para inundá-la de luz, esplendor e maravilhas.

Rio, novembro de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 57 07/03/2017 11:10:41

LIBERTAÇÃO

Um dia, cansado de lutas inúteis e perdidas,
Exausto de esforços vãos e frustradas tentativas,
Meu corpo tombará inerte e frio,
Para um infindável e merecido repouso,
Na terra que o alimentou e deu-lhe vida,
Durante tantos anos.

Que virá depois? Sabê-lo pouco importa.
Interessa-me apenas que esse momento,
Próximo ou remoto – que sei eu?
Chegará para mim como a alforria
De tantas cadeias que a existência me enleia,
Fazendo-a vazia, inútil e apagada,
Sem nenhuma expressão que a torne desejada,
Como um precioso bem a conservar.

Ficarei livre de sentir dentro de mim,
Esta ânsia irreprimível, a vida toda,

miolo_sob_ceu_antares.indd 58 07/03/2017 11:10:41

Sem jamais o conseguir.
E desse desejo que não posso dominar,
De sentir-te minha, inteiramente minha.
Ser a um tempo, teu dono e teu escravo,
Sem jamais te ter assim.

Ficarei livre de buscar as inúteis esperanças,
Com que tenho mascarado a vida,
Adornando-a, eu mesmo, que insânia,
Com falazes promessas de felicíssimos momentos,
Que nunca chegarão, bem sei.
Ficarei livre de sofrer o mal da tua ausência,
Que me torna assim alheio e indiferente
Aos atrativos da existência.

Anulado na promiscuidade da terra,
Revertido às primitivas formas da matéria,
Não mais pensarei, nem desejarei jamais
E num justíssimo repouso, me libertarei então.

Rio, 15 de dezembro de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 59 07/03/2017 11:10:41

VIDA SEM AMOR

Como é penoso, meu bem, de mim distante,
Viver a vida sem amor.
Como a existência assim, fica inexpressiva,
Sem nenhum objetivo para os nossos feitos
E como é difícil assim, levá-la para a frente.

Não ter ao fim de cada dia,
Uma voz amiga a nos falar ao sentimento,
Palavras de carinho que vão ter ao coração.

Não ter um colo, muito brando,
A que aconcheguemos a cabeça
Ainda febril e excitada,
E sentir que uns dedos, muito leves,
Nos afagam, esquecidos, os cabelos,
Acalmando a febre que nos agitava o sangue
E transformando em paz, o que antes era luta.

miolo_sob_ceu_antares.indd 60 07/03/2017 11:10:41

Não ter um olhar, muito doce, a nos mirar,
Em que descansem os nossos olhos fatigados
De fitar tantos olhos que nos são indiferentes,
E ficar assim, absortos e felizes,
Contemplando a alma nossa companheira,
Que nos ama, entende e reconforta.

Não ter a quem confiar, tranquilamente,
Nossos erros, dúvidas e temores
E de quem ouvir a palavra serena, animadora
Que nos restaura a confiança combalida,
Nas horas dúbias de incertezas.

Não ter a quem falar, sem pejo nem receios,
Das derrotas sofridas e das vitórias conquistadas.
Não ter quem veja e valorize nosso esforço,
Nem proclame com orgulho, nossos triunfos.

Sentir-se a gente assim sozinho e abandonado,
Dentro da sociedade que nos é indiferente.
Isso, meu bem, é viver como eu vivo,
Distante de ti, a vida sem amor.

Rio, 21 de dezembro de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 61 07/03/2017 11:10:41

CONFISSÃO

Pai. Faz tanto tempo já, que deixaste a vida.
Há tantos anos que meu olhar saudoso,
Deixou de ver teu vulto amado
E, no entanto, ainda hoje parece-me prematura,
A hora inesquecível em que nos separamos,
No limiar de uma cova, escura e escancarada,
Como faminta boca, aberta pela terra,
Para tragar teu corpo imóvel e frio.

Não somente na aparência,
Foi demasiado cedo esse momento,
Reais são os efeitos que ainda sinto,
Do teu súbito desaparecimento,
Nessa noite negra e impenetrável,
Que a todos nos espera,
Fatal e inexorável.

Vês como eu, cedo perdendo o teu exemplo,

miolo_sob_ceu_antares.indd 62 07/03/2017 11:10:41

De que se emanava a poderosa força,
Que conduzia meus passos,
Esclarecendo-me o caminho
E sentindo que, cedo, suas palavras se emudeceram,
Subitamente, no silêncio da morte,
Eu me conturbei e cedo te esqueci?

Vês. Eu me transviei e andei por maus caminhos.
Eu me esqueci dos teus ensinamentos
E minha consciência amortecida,
Pelo fogo da vida,
Que excitava meu ser,
Não chegou a reter as lições que me deste
E então eu me perdi.

Em escuros atalhos vou me conduzindo,
Num passo irregular e difícil,
Que mais parece um retrocesso,
Entre espinhos que me ferem
E dores que me cruciam,
Bebendo amargores, cada vez que tenho sede.

Pai. Eu me ceguei com tua falta.

miolo_sob_ceu_antares.indd 63 07/03/2017 11:10:42

Meus sentimentos se embotaram rudemente,
Com a ausência do teu exemplo
E o silêncio da tua voz.

Cedo demais foi o teu desaparecimento.
Não pude realizar o que pretendeste e esperaste.
Não vês como eu fracassei tristemente,
Sem tua assistência, na conduta da vida?
Não fui mais que um polichinelo de guignol,
Que, entre as risadas infantis, nos teatrinhos,
Logo cai e se desengonça todo,
Mal lhe falta a mão animadora,
Que, ocultamente, lhe empresta vida e movimento.

Rio, 26 de dezembro de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 64 07/03/2017 11:10:42

FANTASIA

Quem poderá rasgar o véu do esquecimento,
Que envolve como um sudário, as coisas do passado?
Ou lançando à frente o olhar atento,
Perscrutar o objetivo obscuro e afastado,
Que marca no futuro, o fim deste roteiro?

Densas sombras limitam o olhar pegureiro,
Ocultando-lhe o rumo e impedindo-o de ver
O extenso caminho que já foi trilhado
E o que lhe resta ainda a percorrer,
Para alcançar o marco final do seu destino.

A mente fatigada, delira em desatino,
Enquanto a memória sucumbe vacilando
E vencidas ambas, no esforço de indagar,
Para a fantasia apelam, ainda tentando,
Recompor o passado e o futuro esclarecer.

miolo_sob_ceu_antares.indd 65 07/03/2017 11:10:42

Na dócil imaginação de cada ser,
Vai então a fantasia descrevendo,
A cada uma, a vida, como a quer,
Com poesia e beleza enriquecendo
As ideias sutis e as imagens delicadas.

Assim, procuro ver em nossas vidas apartadas,
A causa que em nós, tanta atração preside.
Vejo-as, como um todo, no universo projetadas,
Que nunca se desfaz, porém, apenas se divide,
Em alguns estágios por que vai passando.

Um dia, com maior energia e mais vigor,
Vibrou o éter em alguma parte do universo
E um raio de luz, vivo e penetrante,
Rápido como um meteoro errante,
Ganhou os espaços infindáveis.

Viajou na helicoidal das nebulosas,
Tangenciou os astros na passagem
E marcando no cosmos rotas luminosas,
Mergulhou nas irrequietas ondas do oceano,
Tingindo-as, em redor, de sete cores.

miolo_sob_ceu_antares.indd 66 07/03/2017 11:10:42

E beijando assim, a molécula mineral
Que, adormecida como a Bela, no seu seio,
Salgava-lhe as águas e embranquecia-lhe as areias,
Nela fixou as suas imensas energias,
E eis que o sal em células se transmuda,
Tornando-se em vivo o que antes era bruto.

A molécula de outrora é agora uma anêmona,
Portadora da vida em toda a terra,
Que, logo, em duas, aparta sua vida
Sem desfazê-la, mas, apenas bifurcando-a,
Para a multiplicação infinita das espécies,
Graças à força irresistível do amor.

Talvez, seja assim, que, através dos tempos,
Tenham decorrido nossas vidas.
Ramos divididos do mesmo tronco original,
Aparentemente caminhando separados,
Mas sempre num sentido comum e paralelo,
Que novamente à unidade as levará um dia,
Quando tiverem, pela perfeição se libertado
Das injunções que a matéria impõe aos seres.

miolo_sob_ceu_antares.indd 67 07/03/2017 11:10:42

Por isso, cada vez que nos unimos,
Nossas almas comemoram numa festa,
A primitiva unidade que volta a se fazer,
Quando revivemos assim unidos e amantes,
A origem comum que nos identifica
Um ao outro como um só.

Rio, dezembro de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 68 07/03/2017 11:10:42

SENTENCIADO

Nosso amor querida, repara bem,
Parece um pobre condenado, foragido,
Que anda se esgueirando pelos cantos,
Procurando abrigo no seio das sombras,
Evitando cautelosamente a luz do dia,
Receoso que ela denuncie a cada hora.
Sua presença de homem segregado,
Proibida no meio dos homens livres.

Observa meu bem, como nos portamos,
Quando nos apresentamos diante de alguém.
Tudo fazemos para ocultar o nosso afeto,
Temerosos que olhos indiscretos,
Identificando sua existência condenada,
Cuidassem logo de fazê-lo encarcerado.

miolo_sob_ceu_antares.indd 69 07/03/2017 11:10:42

Nota, querida, como na aparência,
Um ao outro nos tornamos desatentos
E tamanha, é às vezes nossa indiferença,
Que quase agressivos nos mostramos.
Cuidamos logo de velar em nossos olhos
As ardentes chamas que, teimosamente,
Ameaçam se acender a cada instante.
Com duríssima energia, sufocamos
A ternura que modificando nossas vozes,
Trairia a cada passo, entre nós, a presença do amor.
E se acaso, apertamos nossas mãos,
Tão sem calor e frouxamente o fazemos,
Que até parece que nós nos repelimos.

Somente em segredo e sozinhos nós nos amamos.
Nenhum bulício em nossa volta,
Nem estranhos a testemunhar nosso carinho,
Nem luzes a evidenciar que nos queremos.
São perversos espias que andam de espreita,
Para apontá-los aos algozes carcereiros,
Mal o vislumbrem na sombra em que o ocultamos.

miolo_sob_ceu_antares.indd 70 07/03/2017 11:10:42

Silêncio, penumbra, disfarce, eis o refúgio,
Onde se abriga esse mísero coitado
Que é nosso amor, tardio e condenado,
Pelo impiedoso juiz que é a Sociedade,
A nunca aparecer ante os olhos do mundo.

Rio, 6 de janeiro de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 71 07/03/2017 11:10:42

DENTRO DA NOITE SILENCIOSA

A noite passa lentamente sobre a terra,
Tudo envolvendo em silêncio e quietude.

Nos galhos das árvores, imobilizadas,
Dormem tranquilamente os passarinhos,
Enquanto as folhas, pendidas repousam.
Até as águas, nos seus leitos de rochas,
Parecem se acalmar.

Em choupanas paupérrimas, cobertas de sapê,
Ou em ricos palácios, revestidos de mármore,
Descansam as criaturas, num sono benfazejo,
Dos trabalhos e canseiras do dia que passou,
Enquanto as estrelas deslizam pelo céu,
Como um rebanho tranquilo e numeroso,
Vagarosamente caminhando, sob a guia do pastor,
Para o costumeiro aprisco do ocidente,

miolo_sob_ceu_antares.indd 72 07/03/2017 11:10:42

Onde chegarão, em paz, de madrugada.
Uma profunda calma invade tudo,
Na terra que repousa.

No entanto, eu estou desperto e inquieto,
Nessas horas tranquilas, em que a terra adormece
No regaço da noite.

Como fera enjaulada, impaciente,
De olhar sinistro e garras afiadas,
Rondando constantemente,
No âmbito limitado da prisão,
O desejo também ronda no meu sangue,
Avivando-me na boca a sede dos teus beijos,
Despertando-me na carne a saudade do teu corpo,
Exigindo, impertinente, o calor do teu carinho.

Em vão tento dominar a fera enraivecida
Que urra, faminta, em sua jaula.
Em vão procuro desviar de minha mente
Os insólitos pensamentos que a perturbam.
Um sussurro a princípio, depois um tumulto
Grita, freneticamente, nos meus nervos,
Clamando por ti com veemência.

miolo_sob_ceu_antares.indd 73 07/03/2017 11:10:42

É a voz do desejo, vibrante e impetuosa,
Falando alucinada em meus sentidos,
Impedindo-me de dormir, como os demais,
Mantendo-me em vigília e desespero,
Dentro da noite, silenciosa e tranquila,
Em cujo seio, tudo é paz e mansidão.

Rio, 21 de janeiro de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 74 07/03/2017 11:10:42

HINO DO GINÁSIO WLADIMIR MATTA

Para criarmos um mundo melhor,
Combatamos de livros na mão,
Paladinos da era vindoura,
De cultura, justiça e razão.

Do Ginásio a vanguarda seremos
Com ele unidos marcharemos.

Dos mestres nos vem o comando,
Que o ensino por armas nos dão.
Por bandeira um patrono trazemos,
Cujo nome nos marca o brasão.

Do Ginásio a vanguarda seremos
Com ele unidos marcharemos.

miolo_sob_ceu_antares.indd 75 07/03/2017 11:10:42

De Wladimir Matta o nome cantemos.
Da luta foi um nobre padrão.
Seu esforço levemos avante,
Combatendo de livros na mão.

Do Ginásio a vanguarda seremos
Com ele unidos marcharemos.

Rio, 1 de março de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 76 07/03/2017 11:10:42

TRISTE DESFILE

Pela porta de ouro do meu sonho,
Em fino lavor talhada,
Vejo agora, compungido e tristonho,
Regressar uma legião fatigada,
De combatentes vergados
Ao peso humilhante da derrota.

São meus ideais que voltam do combate,
Duro combate, sem tréguas nem quartel,
Onde foram defender em rijo embate,
Com a vida agressiva e cruel,
A pureza dos sentimentos meus.

Voltam todos tristes e vencidos,
Dessa batalha furiosa em que entraram.
Voltam mutilados, decadentes, abatidos
Pela força rude que enfrentaram,
Buscando uma vitória que fugia.

miolo_sob_ceu_antares.indd 77 07/03/2017 11:10:42

Na luta, em fúria deflagrada,
Caíram, entretanto, os heroicos lutadores.

Pela mesma porta de ouro dos meus sonhos,
Em que os vi desfilar na mocidade,
Gloriosos, esperanças levando,
Eu os vejo agora, tristemente regressando,
Vencidos, humilhados, tristonhos.

Rio, 5 de março de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 78 07/03/2017 11:10:42

IDOLATRIA

Assim, ao dinheiro unicamente atentos,
Somente ao seu ruído dando ouvidos;
Embevecidos assim, pelo louro brilho das moedas,
Esquecidos da terra dadivosa,
Que o pão lhe dá pra suas bocas,
Do céu, que a água lhes envia,
E desta, que a sede lhes mitiga;

Surdos, da terra ao chamado penetrante,
Alheios à beleza de uma vida diferente,
De que falam poetas e artistas;

Mudos, obcecados, em mórbida idolatria,
Ao "bezerro de ouro" do seu credo,
Rezando-lhe preces odiosas,
Pela boca fumegante dos canhões,
Oferecendo-lhe em holocausto desvairado
A carne dos irmãos;

miolo_sob_ceu_antares.indd 79 07/03/2017 11:10:42

Êmulos de Esaú e de Caim,
Hão de homens ter um dia, às suas portas,
A visita maldita da fome,
Sinistramente convidando-os
A que comam dos filhos a própria carne,
Já que ouro jamais hão de comer
E se, na adoração extática do lucro,
Esquecidos eles ficaram
De lançar à terra a semente das plantas,
Regando-as com o suor fecundo dos seus rostos
E abençoá-las depois, findo o labor,
Com a esperança dos seus olhos tranquilos,
Para que em pão se transformassem,
Sob a ajuda fresca da chuva
E da maravilhosa química do sol,
No festivo despontar das estações.

Rio, 22 de março de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 80 07/03/2017 11:10:42

VELHOS FANTASMAS

Cada onda de perfume que o sentido afeta,
É a alma de um romance extinto,
A vagar solitária e perdida no espaço,
À espera que a recolha nosso olfato
E a leve aos secretos domínios da memória,
Onde, ao contato misterioso da saudade,
Subitamente em espectro se transforma.

Perfumes lembrando frases, lembrando beijos.
Velhos fantasmas dos romances já vividos
Entre as luzes dos olhares fascinados
E a poesia das amorosas confissões
De alguém que tivemos outrora,
Presa apaixonadamente nos braços
E perdeu-se depois, voragem do tempo.

Rio, abril de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 81 07/03/2017 11:10:42

LUZ DE LUAR

Luz de luar, serena e pura,
Descendo pelos espaços insondáveis,
Para a terra pequenina e obscura.

Luz de luar,
Escorrendo das montanhas e campinas,
Como a lágrima dos astros
Caída sobre a face rugosa e envelhecida
Da terra adormecida
No regaço da noite,
Entre sombras e angústias.

Luz de luar,
Consoladora, meiga, envolvente,
Como a ternura do olhar materno,
Enviado ao berço dos recém-nascidos.

Eu te amo, ó luz de luar,

miolo_sob_ceu_antares.indd 82 07/03/2017 11:10:42

Que vens do céu, nas noites puras,
De mistura com a luz azul dos vaga-lumes
E a luz irisada, nas lágrimas veladas,
Dos olhares distantes, perdidos, desencontrados.

Eu te amo, ó ambiente de sonho e meditação,
Que tu, luz do luar, serena e pura,
Crias na terra, agitada e febril,
Como um clima propício e diferente,
Às almas delicadas,
Que vivem em conflito, incompreendidas,
Deslocadas na vida, porque sonham,
Atormentadas na vida, porque pensam.

Rio, 14 de maio de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 83 07/03/2017 11:10:43

JAMAIS TE ESQUECEREI

Ainda que muitos anos passem em nossas vidas,
Ainda que nunca mais nos defrontemos,
Jamais te esquecerei, querida,
Nem deixarei jamais de recordar
O bem que me fizeste,
Com o amor que tu me deste.

Nunca esquecerei que tuas mãos
Festejaram muitas vezes minha face.
Esta face contraída e atormentada
Por íntimos pesares e amargos dissabores,
Deixando-a serena e apaziguada,
Como se houvesse um mágico poder
Nessas mãos que jamais esquecerei.

Nem deixarei de me lembrar
Dos teus cabelos finos e castanhos,
Que minhas mãos, trêmulas de ternura,
Festejaram muitas vezes.

miolo_sob_ceu_antares.indd 84 07/03/2017 11:10:43

Nas horas longas e seguidas
De profunda e triste solidão,
Que, de certo, ainda hei de passar,
Não deixarei de rever teu rosto claro,
Nem tua boca, a que à minha se prendeu,
Nas horas febris do instinto impetuoso
Mas, a que também se prenderam meus ouvidos
Nas horas tranquilas dos sentimentos puros,
Para ouvir tua voz falando de amor.

Jamais hei de esquecer teus olhos,
A cuja luz descobri maravilhado,
Um mundo novo, até então desconhecido,
Por onde viajei, surpreso, admirado,
Em meio de belezas nunca suspeitadas,
Que teus olhos, meu bem inesquecível,
Como a clara luz das alvoradas,
Iam acendendo em minha alma enternecida.

Oh! Minha querida, jamais esquecerei
O imenso bem que me fizeste
Com o amor que tu me deste.

Rio, 28 de maio de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 85 07/03/2017 11:10:43

BEIJA-FLOR

Beija-flor. Beija-flor da minha infância,
Que eu via nas manhãs floridas,
Claras manhãs também de minha vida,
Cheias de luzes e fragrâncias,
No jardim da casa de meus pais.

Beija-flor saudoso do passado,
Que vinha sorver em longos beijos,
O néctar puríssimo e resguardado,
Nos cálices profundos e frementes,
Das flores palpitantes de desejos,
Disputando às abelhas indiscretas,
A faina de levar pelos espaços
Os convites silenciosos de amor,
Que as árvores, impacientes, se mandavam,
Cativas, na imobilidade dos seus troncos.

Beija-flor de felizes tempos idos,

miolo_sob_ceu_antares.indd 86 07/03/2017 11:10:43

Ostentando aos meus olhos deslumbrados
As joias de tuas asas multicores,
Tremeluzindo ao ouro farto do sol,
Como um escrínio sedutoramente aberto.

Beija-flor das manhãs de outrora,
Por que voltas agora?

Por que voltas depois de tanto tempo,
Nesta hora sombria de crepúsculo,
Quando meus olhos fatigados e úmidos,
Só veem morcegos agourentos,
A bailar como uns fantasmas,
Entre árvores secas e mortas,
Mergulhadas nas tristonhas sombras,
Que minha visão obscurecem,
Cobrindo de crepe minha vida.

Rio, 6 de julho de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 87 07/03/2017 11:10:43

CEMITÉRIO

Essas ossadas que jazem na terra,
Inteiriças ou pulverizadas,
Misturando umas a alvura de sua cal
Ao solo escuro,
Outras transformadas já em plantas
Pelo milagre da chuva nas raízes.
Essas ossadas, milenares ou recentes,
Deixaram na atmosfera em que vivo,
Vibrações misteriosas que escuto
Nas horas de solidão das noites mornas.

São gritos lancinantes ou lamentos fundos
Soltos outrora entre lances de tormentas,
Das carnes que as cobriram um dia,
Quando viveram muito antes de mim.

miolo_sob_ceu_antares.indd 88 07/03/2017 11:10:43

Essas súplicas de fome ou de amor,
Gritos de carnes feridas ou de bocas palpitantes,
Clamando por socorro ou pedindo beijos,
Na ânsia de sobreviver ou no desejo de amar,
Tumultuando no espaço, varando os séculos,
Fazem-me pensar que um dia, no futuro,
Alguém que tiver um pouco de meu sangue,
Há de escutar nas noites mornas,
Os meus lamentos fundos de amor,
Que de certo ficarão vibrando no espaço,
Quando meus ossos jazerem na terra,
Transformando-se em pó, alimentando plantas,
Junto aos outros que passaram antes de mim.

Rio, 21 de agosto de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 89 07/03/2017 11:10:43

BALANÇO DE UMA VIDA

Como um estafeta,
Solícito e atarefado,
Tem o meu sangue viajado
Através das veias e artérias,
Levando aos órgãos e sistemas,
A mensagem que a viver convida.

Agora, vai ele conduzindo,
Pelos mesmos caminhos antigos,
Uma mensagem, entretanto, diferente.

É o portador da ordem inexorável
A todas as partes do meu corpo,
Para que cessem aos poucos seus trabalhos
E à terra-mãe devolvam
O quinhão de matéria, sempre renovado,
Que receberam dela fartamente.

miolo_sob_ceu_antares.indd 90 07/03/2017 11:10:43

É, da morte, a sentença inapelável,
Que ele agora vai levando
Às partes todas do organismo,
Zeloso de sua fiel execução,
De que eu sou a única testemunha,
Nas horas de silêncio doloroso.

Como espectador, presencio esse final
E medito, sereno e imparcial,
Sobre o que foi essa vida,
Que já está aos poucos se extinguindo
Nas células e tecidos,
Obedientes todos, às ordens recebidas,
Dos pequeninos estafetas do meu sangue.

Terá valido a pena tanto esforço,
Desse maravilhoso laboratório,
Para manter a vida?

Parece-me perdido esse longo e precioso tempo
Gasto nas múltiplas transformações
Para que a matéria em vida se fizesse.

Em troca de labor tão porfiado,
Que fiz eu, durante tanto tempo?

miolo_sob_ceu_antares.indd 91 07/03/2017 11:10:43

Escrever um livro ou mais de um?
Plantar uma árvore, talvez mais,
Na fresca terra, nas manhãs da vida?
Perpetuar a existência em quatro filhos
E vê-los florescer pujantemente,
Sob a benção de paternal amor?

Seria isso o bastante?
Não teria ficado por fazer
Alguma coisa mais
Na existência minha?

Nesses anos que rolaram para trás,
Como folhas despencadas de uma árvore,
Quando sopram rijos os ventos,
Que fiz eu para vencer-me?

Nenhum passo dei que me elevasse.
O egoísmo, como um déspota,
Presidiu meus atos.
Numa torre de marfim vivi encastelado,
Como um abutre solitário no penedo.

Apesar dos ensinamentos
Que a razão me iluminaram,

miolo_sob_ceu_antares.indd 92 07/03/2017 11:10:43

E das mágoas que depois me lapidaram
Dos episódios tristes que vivi
E das grandezas e misérias que assisti,
Não cheguei a dar de mim o que devera,
Em sentimentos de amor à minha espécie.

Entretanto... que de belezas raras
A existência ter-me-ia ornamentado,
Se o sol do teu amor, tão luminoso
Mais cedo tivesse despontado
No horizonte sombrio de minha vida.

Que de vitórias eu teria conquistado,
Na luta perene em prol da perfeição.
Se tivesse a inspirar-me teu amor,
Quando alcancei, despreocupado, a mocidade,
Nessa viagem que, agora, vai-se findar.
Eis o que me faltou executar,
O amor em plenitude, tal como sonhei.

Somente sua força
Ter-me-ia libertado
Das pesadas heranças da carne,
Rotineira e vacilante,
Fazendo-me alcançar regiões mais belas.

miolo_sob_ceu_antares.indd 93 07/03/2017 11:10:43

Tudo, pois, que eu fiz é nada,
Se o amor que desejei
Tardio veio
E tu que foste para mim, seu portador,
Não pudeste caminhar junto de mim,
Para inspirar minhas ações,
Nessa conquista,
Fazendo progredir meus sentimentos.

Rio, 5 de setembro de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 94 07/03/2017 11:10:43

MILAGRE

Ah! Se ela pudesse vir agora!
Se pudesse vir na vigência desta hora,
Aziaga e amarga
Que o destino marcou antecipadamente
Para que eu vivesse
Entre dores e lágrimas, blasfêmias e lamentos.

Ah! Se ela pudesse vir
Para tocar meu corpo ferido e fatigado
Com suas mãos transbordantes de ternura
E curá-lo instantaneamente
Pela força milagrosa de seu amor!

Se ela pudesse vir,
Logo o sangue se me reanimaria
E os músculos lassos e dolentes
Retornariam à primitiva força
De outros tempos

miolo_sob_ceu_antares.indd 95 07/03/2017 11:10:43

E levantando-me do leito,
Onde vivo prisioneiro,
Far-me-iam caminhar de novo,
Firme e alígero nos meus passos,
Para a glória do seu amor
Na realização do milagre desejado.

Rio, 23 de dezembro de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 96 07/03/2017 11:10:43

BERENICE

Berenice. Teu nome parece o canto do mar
Entoando misteriosas melodias
Para o ouvido atento e imenso do espaço.

Primeiro rumoroso e grave
Na concha da onda que se forma e se desfaz,
Depois melodioso e terno
Quando se espraia na areia,
Procurando alongar-se na fímbria de espuma
Como as sílabas meigas e amorosas,
Nos diálogos de amor, entre ternos namorados.

Berenice, amor, meiguice...
Quanta beleza canta sorridente
No teu nome terno e sedutor.

miolo_sob_ceu_antares.indd 97 07/03/2017 11:10:43

Berenice. Teus cabelos ondulados e negros,
Emoldurando teu rosto, amorosamente pensativo,
Parecem as ondas do mar,
Misterioso e solene, envolvendo os continentes,
Nas farturas das curvas generosas.

Berenice. Há lenda e história no teu nome.
Teu nome, Berenice, é feito de música e de amor,
De meiguice e devaneio.

Teus cabelos, Berenice,
Opulentos como as ondas do mar,
Têm os mesmos mistérios, a mesma força, a mesma vida.

Berenice. Tu vieste através dos séculos
Para diante dos meus olhos,
Na força do meu delírio,
Convulsionar as ondas do mar,
Com a beleza dos teus cabelos,
Para que elas cantassem para mim,
Todo o amor que existe no teu nome,
Berenice, Berenice.

Rio, 7 de julho de 1947

miolo_sob_ceu_antares.indd 98 07/03/2017 11:10:43

VOZ DA SANFONA

Música da minha roça,
Saudade que vem de longe
Do rio beijando a terra
Salpicada de vermelho
Pelos grãos do meu café.

Música saudosa, dolente,
Embalando a alma da gente
Nas cantigas das fazendas
Através do meu Brasil.

Tristeza, melancolia, amor
Que a gente sente no peito
Quando ouve a sanfona roceira
Chorando nas mãos do caboclo
Depois que o trabalho passou.

miolo_sob_ceu_antares.indd 99 07/03/2017 11:10:43

Música vindo de longe,
Trazendo saudade, poesia
Pra alma simples e boa
Da gente que canta e trabalha
Nas roças da minha terra.

Saudade, música do meu Brasil.

Rio, 14 de abril de 1948

miolo_sob_ceu_antares.indd 100 07/03/2017 11:10:43

MILAGRE DOS TEMPOS INFINDÁVEIS

Tua voz veio do fundo dos séculos,
Varando os espaços insondáveis,
Na realização do mistério da eternidade.
Meus ouvidos, gerados dentro da noite,
Colheram tuas palavras vindas de longe.
Havia nos abismos um rumor de astros,
Eu confundi com o Verbo criador,
Tua doce fala de amor,
Porque havia nela o murmúrio alegre das águas
E o lamento triste dos ventos
Sussurrando suas súplicas aos ouvidos verdes,
Das árvores agitadas e frementes,
Dentro das noites infindáveis de tormentas,
A gerar novos mundos e novas gentes.
Tua voz veio do fundo dos séculos
Para meus ouvidos, gerados dentro da noite
Como sopro de esperança e alento de vida,

miolo_sob_ceu_antares.indd 101 07/03/2017 11:10:43

No milagre da multiplicação dos tempos,
Quando os tempos pareciam terminados.

Rio, setembro de 1952

miolo_sob_ceu_antares.indd 102 07/03/2017 11:10:43

MEU CORPO
(depois de ver um quadro anatômico de ouvido)

Meu corpo é um templo sagrado
Com infinito saber arquitetado
Sobre a rocha dos tempos.
Habita-o nos mais fundos recônditos
A sabedoria eterna que preside a vida.

Fora dele, sem compreendê-lo jamais
Rondando-lhe as paredes e umbrais,
Está um surdo blasfemando.
Sou eu.

Em sua nave, serena e nobre,
Ecoam suaves melodias,
Reboando nas altas abóbadas.
Martelos vergastam o corpo dos sinos,
Acordando solenes vibrações,

miolo_sob_ceu_antares.indd 103 07/03/2017 11:10:43

Que atravessam os espaços.
Um murmúrio de prece caminha em espirais
Por entre severas paredes e sóbrias colunas.

Sentado à sua porta, está um mendigo
Contrastando com a riqueza da gótica catedral,
Perfeita e pura.
Sou eu
Que fiquei surdo às vozes que entoam salmos.
Sou eu
Que fiquei cego às luzes que se coam dos vitrais
Porque apliquei meus ouvidos
Aos ruídos mentirosos que vêm de fora
Porque ceguei meus olhos nas falsas miragens
Esquecido de tudo, esquecido de mim.
Sou eu.

Rio, 4 de julho de 1954

miolo_sob_ceu_antares.indd 104 07/03/2017 11:10:43

VISITA DESEJADA

Quando surgires de repente,
À minha frente,
Fitando em meus olhos fatigados
Tuas órbitas vazias,
Quando vieres sorrir para mim,
Um estranho sorriso incolor, sem lábios,
Isento de ternura,
Quando agitares teus braços descarnados,
Num lúgubre aceno, convidando-me
Para o passeio de que jamais voltarei,
Eu irei correndo ao teu encontro
E apoiando em tuas mãos frias e fatais,
As minhas mãos trêmulas e exangues,
De tanto revolver o misterioso emaranhado da vida,
Em busca do perdido fio da meada,
E transporei tranquilo os umbrais da morada,
Como o dono da casa que retorna ao lar
Depois de longuíssima e fatigante viagem.

Rio - GB, 1958

miolo_sob_ceu_antares.indd 105 07/03/2017 11:10:43

MEU SÃO GERALDO

Meu São Geraldo
Que minha mãe escolheu,
Quando eu era menino,
Para meu padroeiro
Na vida incerta e sofrida
Que eu haveria de ter.

Meu São Geraldo,
Teu nome cercado
De martírios e glória
Rima com o meu,
Obscuro e perdido,
De pecados cercado
No fundo dos charcos.

Meu São Geraldo,
Vem velar minha vida
Oscilante, indecisa,
Inútil e perdida

miolo_sob_ceu_antares.indd 106 07/03/2017 11:10:43

Ao longo do tempo
Que nunca termina.

Meu São Geraldo,
Meus amigos que deveriam viver,
Já foram de vez
Dormir para sempre
No fundo da terra.

Meu São Geraldo,
Eu que não devo viver,
Ainda estou por aqui
À espera da hora
Tão ansiada e perdida
Da eterna viagem
Que nunca começa
Para mim nesta vida.

Meu São Geraldo,
Todas as noites
Eu peço ao Senhor poderoso
Que não me deixe acordar
Quando o sol despontar,
Espancando nas trevas
As nuvens morosas que erram no céu.

miolo_sob_ceu_antares.indd 107 07/03/2017 11:10:43

Indiferente ao que peço,
Ignorando meus males,
O Senhor poderoso
Não ouve sequer
Minha voz, tão sincera,
Vibrando em soluços
No fundo da noite.

Por isso, meu São Geraldo,
Lembrado e querido,
De alva batina
E crucifixo na mão
Como eu vi na medalha
Que minha mãe amorosa
Pendurou em meu peito
Quando eu era menino
Para proteger minha vida,
Eu peço a você
Para que peça ao Senhor poderoso
Que ouça minha voz,
Tão sincera no fundo da noite,
E me deixe morrer.

Rio – GB, 22 de janeiro de 1968

miolo_sob_ceu_antares.indd 108 07/03/2017 11:10:43

CARTAS

CARTA

"Quantas vezes Fernão, do cabeço de um monte, via, lenta, subir do fundo do horizonte, a clara procissão dessas bandeiras de ouro!"

Olavo Bilac

Com o teu espírito fatigado pelo choque das emoções e pelas decepções amargas, pelos íntimos conflitos e pelas esperanças que fugiam, não te lembrarás, talvez, o que para nós representa o nome de "Antares".

No apogeu do inverno, em pleno meio do ano, quando as laranjeiras, depois de ornamentarem as frontes das virgens com suas flores de prata, oferecem aos homens os seus melhores pomos de ouro, logo às primeiras horas das noites frias e límpidas, refulge no zênite a mais linda constelação do hemisfério sul: o Escorpião. Única entre todas, talvez, no famoso zoo celestial, que aparenta realmente as formas do animal a que comparam-na os velos mestres da Astronomia.

Suas estrelas dianteiras seriam as tenazes imensas, a linha luminosa recurvada na extremidade serviria de cauda

miolo_sob_ceu_antares.indd 110 07/03/2017 11:10:43

gigantesca e, bem ao centro, em um tórax de formidáveis proporções, e por isso mesmo chamado pelos amantes de Urânia de coração do Escorpião, cintila com seu brilho de primeira grandeza a famosa Antares, estrela alfa da constelação.

Esse maravilhoso conjunto de astros tem sido um marco de luz em minha vida. Assinalou saudosos e felizes momentos de outrora, quando estudante ainda e guiado por meu pai, de planisfério em punho e assistindo ao desfile pelo céu "dessas bandeiras de ouro", aprendi a localizar as constelações mais lindas, as estrelas mais famosas, os planetas mais vizinhos.

Ensinou-me que na imensidão do universo há sempre, entre os seres e as coisas, laços e forças sutis que os ligam indestrutivelmente. Suas estrelas separadas por colossais distâncias estão, entretanto, presas, entre si, pelo estudo dos homens e pelas forças eternas da atração, num todo inconfundível.

Sua harmonia ensina aos seres que em seus corações existirá também harmonia, quando, dentro da imensa via-láctea dos destinos, eles conseguem formar uma constelação, atraindo-se mutuamente, equilibrando-se nos seus sentimentos, completando-se nos seus ideais de vida.

Quando meu coração encontrou o teu e juntos formaram ambos uma constelação na vida, o velho signo do céu, fiel amigo de todos os momentos, veio iluminar meigamente a vereda que juntos trilharíamos.

Nesse instante memorável, lembras-te querida, com a alma plena de amáveis emoções, como um amigo comum, eu te apresentei àqueles astros amigos e, destacando entre eles a gloriosa Antares, fi-la chegar junto a ti, pelos caminhos mágicos da visão e dentro da noite cheia de encantamentos, como em

miolo_sob_ceu_antares.indd 111 07/03/2017 11:10:44

presença de um milagre, eu vi os teus olhos guardarem para mim o brilho da estrela, o teu corpo resplandecer ao contato da sua luz maravilhosa e teu coração, emocionado pela grandeza do momento que passava, vibrar de amor generoso e puro.

Aí tens querida, por que te chamarei assim.

Tal como Antares, eterna e gloriosa, a resplandecer nos céus, tu és a estrela alfa da minha vida.

Rio, junho de 1940

miolo_sob_ceu_antares.indd 112 07/03/2017 11:10:44

CARTA

Eis-me, finalmente, diante da muralha intransponível que me aguardava no caminho.

Trago rotas as minhas esperanças e triste minh'alma ao cabo dessa longa e fatigante jornada.

A força do irremovível quebrantou minhas energias. Meus gestos resultaram inúteis diante das coisas estabelecidas há longos anos, e assim continuarão ainda, depois da minha passagem pela vida.

Para que lutar ante o infinitamente mais forte?

Como posso eu, mísera criatura isolada, remover séculos de preconceitos e intricados desígnios?

A vida me venceu; mais do que isso, ela me decepcionou.

Tantas vezes tenho me perguntado: para que lutar? Por um ideal que cada vez mais se torna inatingível?

A equação está proposta diante de mim: desespero-me até a morte na contemplação do sonho irrealizável ou resigno-me incondicionalmente à rotina dos dias monotonamente vividos, ermos de esperança, vazios de ideais.

Como é desolador chegar-se a este ponto depois de acalentar tantas ilusões!

miolo_sob_ceu_antares.indd 113 07/03/2017 11:10:44

Tanto mais triste, quanto se sabe que, além da intransponível muralha, há uma paisagem sedutora onde os dias são amenos.

Que penoso é voltar à obscuridade depois de conhecer o esplendor.

Lembra-me uma figura titubeante de cego que de súbito recuperasse a visão e ficasse estático, inebriado pela maravilha que é a luz.

Gozar a plena ventura de ver. Sentir pelos olhos toda a beleza das cores e a harmonia das formas, a graça dos movimentos e a imponência da estática.

Toda essa ventura antes insuspeitada, fluindo para a sua alma longo tempo adormecida pelo caminho do olhar.

Eu sou, querida, a figura desse cego e tu foste a luz que clareou para mim o panorama da vida.

Luz dos meus olhos, não me deixes nunca mais!

Tanto eu te pedi.

A plena e total felicidade da vida veio até mim oferecida por ti.

Eu auri essa ventura indescritível de encontrar sempre em ti, paz, harmonia, satisfação.

Mutuamente nos encontramos um no outro. Nossos seres formaram uma unidade. E por isso, tu devias me pertencer, como eu a ti. Nada devia separar-nos. Nem lei, nem preconceitos, nem espaço e nem tempo. Entretanto, que vemos nós? A separação cada vez mais nítida. Cada vez mais se avoluma um abismo entre nós.

miolo_sob_ceu_antares.indd 114 07/03/2017 11:10:44

Tu criaste seres que não são meus. Eu dei vida a criaturas que te são estranhas. Sofremos por eles solicitações em sentidos diferentes.

Quanto mais cresce em nós o desejo da mútua comunhão, tanto mais as forças superiores da vida, ou destino, como queiras chamar, avolumam aquele abismo que, à nossa revelia, vai se formando entre nossas vidas.

Houve um tempo em que eu acreditei, e também tu, que nós domaríamos essas forças.

Quantas esperanças ornavam então meus castelos nas horas vagarosas da noite.

Quanta vez, juntos traçamos os planos dessa existência, tão plena de harmonia, tão completa de satisfações, tão digna de ser vivida!

Momentos houve em que os misteriosos desígnios nos deixaram experimentar a vida, tal como há tempos longamente sonhados. Que delícia foi então viver!

Quão diferentes do comum foram aqueles momentos gloriosos que, por si sós, justificam uma existência!

Por eles eu me bendigo e me sinto feliz por ter dado a ti um pouco da felicidade que tua alma insatisfeita, tal como eu, ambiciona e espera da vida.

E depois? Há um poeta que escreveu versos assim:

> *"E depois amada?*
> *Depois dores sem remédio.*
> *Depois pranto, depois tédio,*
> *Depois nada..."*

miolo_sob_ceu_antares.indd 115 07/03/2017 11:10:44

Assim se desenrola para mim a vida, depois da glória daqueles momentos fugazes.

Depois dores sem remédio, porque o remédio está em ti. Teus olhos, tua voz, teu contato. Em ti querida, tão distante de mim no espaço e nas convenções, e tão próxima, tão aconchegada a mim na saudade e no sonho.

Que imenso tédio quando estás ausente. Que tristes e inexpressivos são os episódios da vida, aos quais tu estás alheia.

Depois nada. Tal é a verdadeira expressão.

Nada é para mim a vida sem ti.

Que vale a vida se não tem a embelezá-la um pouco de poesia?

E que melhor fonte de poesia encontraram os homens que o amor?

Fonte perene de belas aspirações e nobres impulsos que deram ao gênero humano o domínio da sua própria brutalidade.

Entretanto, tu me abandonaste.

Na hora mesma em que todo o meu ser reclamava por ti.

Por que? Por que me deixaste assim, em plena tormenta das decepções, quando eu buscava em ti a luz para os meus olhos, num apelo desesperado de amparo e amor?

Que assomo de paixão dominou a tua mente para que agisses assim, depois de tantos anos de profunda e efetiva estima?

Caiu por terra o nosso passado, com todas as suas promessas?

Nossos velhos ideais deixaram de ser o penhor do nosso afeto, que, sempre acreditei, iria conosco até a morte?

Que pena ter sido assim, querida.

miolo_sob_ceu_antares.indd 116 07/03/2017 11:10:44

E não pensaste em mim? Não imaginaste como a tua decisão repercutiria em mim? Em mim, que esgotei em ti toda a minha capacidade de amar?

Em mim, que sem ti sou um divorciado da vida, porque a vida, tal como eu a entendo, está em ti?

Que imensa pena eu tenho.

Quão poderosas são as forças da fatalidade.

"Maktub!"

A sorte foi lançada por ti.

Eu relutei ainda, porém inutilmente. Mesmo assim, nego-me a compreender as razões do seu gesto.

Antes, entretanto, que nos separemos na encruzilhada diabólica, quero pedir-te que atentes ainda nas minhas palavras.

Sempre que no transcurso, certamente ameno e feliz da tua vida, vier à tua mente a memória de mim, procura ver-me sempre naqueles felicíssimos momentos em que, sem peias nem disfarces, eu me dei a conhecer a ti tal como eu sou.

Amantíssimo de ti. Dando-te o melhor e mais puro do meu afeto e ignorando limites para o amor que te dei e que te dou ainda.

Olha-me na tua recordação, como se estivéssemos ainda naquelas tardes maravilhosas, quando juntos, almas em comunhão, mirávamos o mar entendendo a sua música que chegava até nós de mistura com as suaves melodias da "Ave-Maria", na hora em que nossa paz interior se confundia com a do universo em redor.

E crê em mim querida.

miolo_sob_ceu_antares.indd 117 07/03/2017 11:10:44

Assim, sempre assim, de uma "forma ideal e puríssima" eu te amei a ti, só a ti.

De braços abertos ainda à tua espera, agora e sempre, beija-te muito afetuosamente,

Teu.

Rio, agosto de 1943

miolo_sob_ceu_antares.indd 118 07/03/2017 11:10:44

CARTA

Alma incontentada, irmã de minha alma, que peregrinas pelo mundo, buscando na vida o que ela jamais terá para te dar.

Atentos estão os teus sentidos, perscrutando os horizontes a ver se descobrem neles os desejados sinais de bonança e paz, que nunca chegam.

Teus ouvidos não escutaram ainda as harmonias reclamadas pelos teus anelos de serenidade e equilíbrio, nem teus olhos fatigados vislumbraram ainda nos céus as luzes, que, sonhaste, desceriam um dia sobre ti como uma benção.

Em torno de ti só encontras o eco das agitações e os fantasmas dos conflitos que crescem e se agigantam cada dia.

Como ferozes carcereiros, as decepções montam guarda aos teus sonhos na prisão da vida.

Tal como eu, vives acorrentada às tramas da existência.

Pobre escrava a sonhar com a liberdade na cela que te deram por morada.

Teus olhos tão lindos, tão mansos, querem descobrir beleza e mansidão na obscuridade do cárcere em que vives.

Pobre alma incontentada, irmã de minha alma, como eu entendo o teu desespero.

miolo_sob_ceu_antares.indd 119 07/03/2017 11:10:44

Para a sede de poesia, de beleza e de amor que te agita, a vida oferece-te o vinagre da realidade, cruel e indiferente.

Num cortejo macabro desfilam diante de ti os fantasmas dos sonhos com que quiseste embelezar a vida.

Pobre companheira minha, por que ao menos não nos puseram no mesmo cárcere?

Quem sabe? Estaria em mim o que procuras e eu encontraria em ti o que, há tanto tempo, busco em vão?

Rio, julho de 1944

miolo_sob_ceu_antares.indd 120 07/03/2017 11:10:44

CARTA

Rendi-me finalmente à evidência. É estultice pretender o homem fazer prevalecer sua vontade sobre as forças que o cercam.

Muito ao contrário, há um determinismo que o domina anulando as suas pretensões. Os mais soberbos sonhos e os ideais mais alevantados têm desmoronado diante de pequenas injunções.

Grandes generais que tudo previram e preveniram, perderam batalhas cuja vitória parecia lhes estar assegurada pela simples intervenção de pequenas circunstâncias, que se achavam fora da órbita da previsão e do comando.

A queda de uma chuva modificou o curso das guerras napoleônicas e uma tempestade transformou em fracasso o que deveria ter sido sucesso da "Invencível Armada".

Os gritos de um punhado de gansos impediram o êxito de uma empresa militar e garantiram a existência de um império.

Pequeninos nadas têm impedido grandes realizações.

Nada estranhável, pois, que meus modestos ideais de uma vida melhor e mais livre e os planos que urdi para a sua consecução se esboroassem como a terra fofa de um barranco,

miolo_sob_ceu_antares.indd 121 07/03/2017 11:10:44

diante de insignificâncias que não pude evitar e muito menos remover.

Todavia, buscarei ainda, num último esforço, reunir esses despojos de sonhos e fragmentos de ideais, para apresentar-me diante de ti, minha meiga companheira, tal como eu gostaria de o fazer se meu pensamento pudesse tomar forma, animando-me os gestos, iluminando-me o olhar, inspirando-me a palavra, para cercar-te sempre, em todos os momentos, da bondade, do carinho, da ternura, que não puderam se expandir.

Será pois, este trabalho, a reunião de todas as palavras que não pude te dizer, de todos os desejos que não cheguei a te revelar, de todos os sonhos que a vida impediu-me de contar-te.

Faço-o, para que sejas tu, minha querida, somente tu, a testemunha de que, apesar da rude aparência, eu trouxe para a vida alguma coisa de ideal, de um sentido superior da existência que não pôde se manifestar.

Escreverei aqui as palavras que, fossem outras as circunstâncias, eu encontraria para te dizer no decorrer das nossas vidas se, porventura, nos fosse dado viver em comunhão, seguros da nossa proximidade até o fim dos nossos dias.

Que teus olhos possam um dia, minha doce e inesquecível amiga, pousar nestas folhas de papel, para que cheguem ainda ao teu coração as palavras de amor que não pude articular porque a vida, madrasta impiedosa, separou-te de mim com a mesma violência com que o vendaval arranca às franças das árvores, flores e frutos para atirá-los além, esparsos e perdidos para todo o sempre.

Rio, agosto de 1944

miolo_sob_ceu_antares.indd 122 07/03/2017 11:10:44

CARTA

Mais que a sedução rubra dos teus lábios e a doçura inigualável dos teus beijos, mais que a graça de teu porte harmonioso, foram teus olhos cismadores, querida, que acenderam em mim este amor irrestrito e apaixonado, que me prenderá a ti até o final dos meus dias.

Foram eles que me trouxeram, numa mensagem luminosa, a senha encantada que abriria para mim as portas da tua alma insatisfeita e sonhadora, que tanto tempo esperou por mim, à beira do caminho da vida, por onde eu haveria de passar.

Foram extensas e complicadas as suas voltas e longo o seu trajeto. Muito tempo andei na ânsia de te encontrar.

Durante a marcha, muitas criaturas eu vi que me espreitavam; algumas foram gentis e vieram a mim.

Eu podia ter parado então, pois, não te conhecera ainda, mas os meus sentidos vigilantes não deixaram nunca que eu aceitasse outra em teu lugar.

Confiante neles, eu acelerava a caminhada.

Sem te conhecer ainda, eu pressentia, entretanto, a realidade da tua existência.

miolo_sob_ceu_antares.indd 123 07/03/2017 11:10:44

Nos devaneios da mocidade, nas horas de sonho e meditação, um íntimo sentimento, uma secreta intuição me falavam de ti e eu aprendi a te conhecer.

Por isso, quando ao vencer uma curva do caminho, os meus olhos miraram a tua face e fitaram longamente os teus olhos, quando meus ouvidos escutaram tua voz e minhas mãos sentiram o calor das tuas mãos, eu logo reconheci como sendo tu, a mulher que havia tantos anos, enchia de luz e impregnava de graça os meus velhos sonhos.

Quão tardio, porém, foi nosso encontro e como foi breve o nosso abraço.

Eu ouvi vozes estranhas à tua volta e vi pequeninas mãos que se agitavam te chamando, enquanto tu atentaste num alarido de meninos, que se confundia com os meus passos.

Então tristemente nos miramos. Vi lágrimas nos teus olhos, enquanto minha vida se resumia num olhar.

Tu ficaste presa ao teu lugar pelas mãos pequeninas que se agitavam te chamando e eu segui pelo caminho, confundindo o ruído dos meus passos com o alarido de meninos que seguiam junto a mim.

Deixei junto a ti meus velhos sonhos; trouxe em troca tuas esperanças.

Hoje não verei mais teu vulto à beira do caminho, à minha espera e teus olhos verão erma a estrada por onde eu passei em tua busca. Seu rumo é o do ocidente, onde um triste ocaso me espera.

Já me parece ouvir ao longe o rumor de sinos.

miolo_sob_ceu_antares.indd 124 07/03/2017 11:10:44

Devem ser as "Ave-Marias" que anunciam a hora do crepúsculo que se avizinha de mim.

E a estrada da vida, antes tão amena e enfeitada, que eu percorri cheio de esperança ao teu encontro, é agora um deserto nu e castigado que ao nada me conduz.

Que pena ter sido assim! Foi tão tardio o nosso encontro e nosso abraço foi tão breve!

Rio, setembro de 1944

miolo_sob_ceu_antares.indd 125 07/03/2017 11:10:44

A VOLTA

Que posso eu fazer para suavizar tua desventura, no momento crucial que o destino armou como uma cilada no caminho que tu percorres?

A distância, sempre essa distância que eu maldigo, impede que minhas mãos afaguem teus cabelos e minha voz vá até tua alma, para comungar contigo, na dor que desceu como um flagelo, sobre tua sensibilidade.

Como poderei amenizar o travo amargo que a vida fez chegar aos teus lábios, para que o sorvesses, se tenho que me ocultar como um conspirador e fugir como um proscrito?

Somente me resta este recurso. A folha de papel diante dos meus olhos é como a réstia de luz que desce à cela do prisioneiro, na qual sua alma passeia no mundo exterior, vedado ao corpo pela restrição do cárcere.

E então, escrevendo nela palavras e ideias, é como se juntos estivéssemos, eu falando muito comovidamente aos teus ouvidos, hoje mais amoroso que nunca, numa linguagem assim:

Não chores D..., que a vida nunca se extingue, apenas se transforma. Verás como, de agora por diante, mais que nunca, estará presente a tua H...

miolo_sob_ceu_antares.indd 126 07/03/2017 11:10:44

Sua voz que era limitada, falará agora em todos os sons que chegarem aos teus ouvidos e sua face se multiplicará, para espanto dos teus olhos, em todas as luzes que glorificam a vida.

Quando, mais serenamente, teus olhos se detiverem em tudo que te cerca, não tardarás a encontrar a vida que se foi na vida que estenderá em derredor de ti.

No vento que passar, festejando teus cabelos, ouvirás a sua fala.

As águas que correm e brincam, como ela, reproduzirão em toda parte suas cantigas.

Ficarás admirada quando encontrares no céu, multiplicado em cada estrela, o seu rostinho meigo e ouvires os seus risos em cada pássaro que cantar.

Seus olhos estarão gaiatamente te espreitando, em cada vagalume que acender sua lanterna por entre as flores do jardim.

Verás que força de emoção fará tremer as tuas mãos, quando tocares uma flor, tanto sentirás em suas pétalas a maciez e o calor de suas mãozinhas inquietas.

E um dia, quando o tempo tiver corrido, quando ela já tiver viajado, brincando pela vida e conduzindo a vida, nas luzes dos astros e no frescor da terra, no perfume das flores e nas asas das abelhas, no aroma dos frutos e na força das sementes, ela voltará.

Um dia, como um lindo e dourado pomo, ela virá de novo ter à carne, irmã da tua e em carne novamente se fazendo, como um milagre, reaparecerá diante dos teus olhos, que comovidamente chorarão de novo.

Espera D... tão querida, que tua H... um dia voltará.

Rio, agosto de 1945

miolo_sob_ceu_antares.indd 127 07/03/2017 11:10:44

UMA PÁGINA

Cinco horas da tarde. Prisioneiro no leito a que as cadeias da moléstia me amarram o corpo, meu espírito divaga e se distancia, demorando-se e perdendo-se em afastadas regiões.

A imaginação, essa maravilhosa força libertadora, transporta-me em suas asas levíssimas a um lindíssimo e plácido recanto.

É uma ilhota verdejante, perdida alhures na vastidão do oceano.

Emoldurada na alva faixa das suas areias, é um quadro vivo fixando um misto de paisagem e marinha.

Na praia, sobre a restinga, vêm as ondas do mar desfazer-se preguiçosamente, enfeitando-a com rendas e gazes de espuma branca, como se noiva fosse para o cerimonial das núpcias.

A brisa fresca vai sussurrar, entre palmas e amendoeiras, melodias tão suaves e acariciadoras que mais parecem canções de amor meigamente recitadas aos ouvidos da mulher amada pelo homem apaixonado.

Fim de dia. A cor pérola, predecessora dos crepúsculos, vai ganhando o céu, tornando-o distinto do mar com que antes se confundia.

miolo_sob_ceu_antares.indd 128 07/03/2017 11:10:44

Cruzam o espaço gaivotas e fragatas, regressando à ilhota tranquila para o pouso da noite.

A passarada, aninhando-se nas árvores, junta os "pizzicati" de suas vozes festivas ao sereno marulhar das águas.

Ao longe, velas vão salpicando de branco o mar.

Uma ou outra estrela, mais precipitada, acende sua lanterninha azul no firmamento para espreitar curiosa, escondida na noite que se avizinha, a ilhota feliz e tranquila que vai adormecer embalada pelo mar, como a criança confiante no regaço materno.

Tudo está impregnado de serenidade. Dessa serenidade por que anseia a alma humana, fustigada pelas lutas e incertezas que lhe consomem a própria essência.

Uma profunda paz invade tudo na ilhota que se prepara para dormir.

De súbito, porém, um fundo e profundo rumor agita todo aquele ambiente tranquilo. É soturno e prolongado como se milhares de pesados carros rodassem sobre o chão da ilha.

As aves, espantadas, abandonam seus ninhos e dispersam-se nos ares.

O ruído aumenta. As árvores são sacudidas como se furioso tufão soprasse suas copas.

O mar se enfurece de repente e agigantando-se investe contra a ilhota indefesa, em fúria desencadeada.

É a convulsão telúrica que deflagra como um acesso epilético no corpo do planeta.

miolo_sob_ceu_antares.indd 129 07/03/2017 11:10:44

As ondas se avolumam e espumando agitadas e raivosas, atiram-se como feras à cobiçada presa.

Montanhas líquidas, altas e espessas, desfazem-se em catadupas sobre a praia ganhando logo a terra e tudo devastando.

As árvores arrancadas são jogadas como possantes aríetes contra suas irmãs que ainda resistem.

É o maremoto irrefreável destruindo tudo.

E como não se bastasse a fúria das águas, subitamente fende-se a terra e das brechas abertas borbulha fumarenta e pastosa a matéria ígnea que lhe vem das entranhas convulsionadas.

A chaminé vulcânica que mal se erige logo tomba sacudida por nova convulsão, enquanto a lava se espraia, carbonizando, enegrecendo e destruindo o que encontra.

O oceano, desmandado como ébrio, ora investe contra a terra tentando submergi-la, ora recua em tumulto, trazendo com ele o que pouco antes era vida.

Nesses assaltos desordenados contra a ilhota desabrigada, suas águas descem pelas fendas escaldantes para retornar ao espaço em espessas colunas de vapor, silvando como serpentes.

E o cataclismo, indiferente a tudo, prossegue na sua faina destruidora, arrasando belezas, aniquilando existências, interrompendo destinos, até que se expandam todas as forças que o agitam, em terrível antagonismo.

Então o equilíbrio se refaz. O mar retoma o movimento uniforme das águas ao som cadenciado das ondas.

De novo a brisa perpassa sobre ele, arrepiando-lhe a superfície movediça.

miolo_sob_ceu_antares.indd 130 07/03/2017 11:10:45

Mas, a ilhota verdejante, feliz na tranquilidade das tardes mansas, desapareceu nas profundezas do mar.

Passado o abalo, daquele oásis no deserto líquido restou apenas um ponto branco assinalando o banco de areia em que se transformou.

A vida fugiu dali levada pelas aves que emigraram nos céus, enquanto nas águas balançam-se despojos.

É a esterilidade perdida na solidão.

Comparável a essa ilhota é minha alma, perdida na solidão do esquecimento.

Sob a tranquilidade dos desenganos, os velhos sentimentos que nunca morrem estão apenas adormecidos.

Subitamente uma lembrança, à semelhança da poderosa força interna, quebra o falso equilíbrio e a alma agitada em turbilhões rompe a carcaça da indiferença e fazendo turbilhonar, agigantados, velhos sentimentos sufocados, atira-os à face da memória e ficamos, de repente, presa da tormenta como a ilhota perdida no mar imenso.

O fato inesperado de ver tua imagem, num flagrante fotográfico de acontecimento social em que tomaste parte, publicado numa revista mundana, foi a força incoercível que, rompendo subitamente o equilíbrio instável de minha alma recalcada, convulsionou-a violentamente em seus recessos.

Minha sensibilidade sacudida de repente, qual oceano revolto e descontrolado pela solicitação de muitas forças, crispando-se em ondas volumosas e espumantes de recordação, varre a ilhota de saudade, placidamente adormecida nas profundezas do passado.

miolo_sob_ceu_antares.indd 131 07/03/2017 11:10:45

Vieram à tona sonhos e anseios. Despertaram-se todas as lembranças. Flutuaram soltas todas as esperanças e aspirações perdidas.

Formaram-se em vagas. Cresceram. Agigantaram-se e correndo livremente na superfície encapelada, abateram-se fragorosamente sobre a ilhota desabrigada na tormenta.

Soprou o vendaval do ciúme levando em suas asas ruínas e destruição.

Vento e fogo, vagas e tremores, varreram em todos os sentidos a ilhota perdida. Quando serenou a tormenta, minha alma, tal como a ilhota longínqua, era o banco de areia estéril das insatisfações, calcinado pela inutilidade dos anseios impossíveis.

Pensamentos, como árvores destroçadas, vagando nos mares ao sabor das correntes.

Ideais, como pássaros emigrando nos ares para longe, muito longe daquele ponto esbranquiçado, perdido no mar das recordações, cujo salitre da íntima revolta alveja-lhe a superfície enquanto vai-lhe queimando as profundezas, esterilizando-as, consumindo-lhes a vida.

Rio, novembro de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 132 07/03/2017 11:10:45

RETRATO

Ah! Aquela fotografia publicada na revista mundana, fixando o acontecimento social em que tomaste parte com destaque, como evidenciou o imenso abismo que a nós ambos separa quase irremediavelmente!

Que de considerações aquele flagrante fotográfico levantou-me na mente aturdida pelos desenganos.

Como se revelou imensa a distância que nos separa e como se mostraram numerosos os obstáculos que tornam ainda mais penosa a caminhada para vencê-la.

Tu, no esplendor das galas mundanas, magnificente de beleza e prestígio;

eu, na obscuridade de minha vida, vivida nas sombras, como a dos animais notívagos.

Tu, entre as luzes da sociedade, rica e vaidosa, enriquecendo-a ainda mais com o concurso da tua elegância e a beleza do teu espírito;

eu, na humildade da minha pobreza, empobrecendo-a ainda mais com a minha angústia no esquecimento que o desvalor impõe às criaturas.

Tu, requestada pelos que amam a vida por suas manifestações mundanas a que teu vulto empresta brilho, como a

miolo_sob_ceu_antares.indd 133 07/03/2017 11:10:45

lanterna do mineiro o faz ao ouro nas profundezas das minas escuras;

eu, aborrecido até pelos que a detestam, pelos sofrimentos que pesam como maldições.

Tu, na glória da vida bem aproveitada, vendo amadurecer ao sol da tarde, os frutos da tua existência;

eu, num bruxulear de luzes que se apagam ao sopro dos ventos adversos, vendo desgalhar-se mais ainda a árvore já tão sacrificada.

Em ti, a luz, o esplendor, as promessas;

em mim, sombra, sofrimentos, desenganos.

Como é profundo o abismo que nos separa.

Chego-me à sua borda e recuo aterrorizado!

Lá no fundo, brame o caudal dos anseios, espumando raivosa, dando-me vertigens.

Entretanto, como é grande a nossa proximidade pela via do nosso espírito!

Como é íntima a nossa comunhão pela força de identidade de nossos sentimentos!

Sobre o abismo insondável, tu lançaste a ponte do teu amor, iluminando-a com a tua generosidade e, então, confiante, tranquilo, eu passei por ela e fui a teu encontro, buscar em ti o que me falta para que minha vida não seja inútil nem vazia.

E deste-me tudo o que pedi: amor, estímulo, inspiração, mercê de que reanimou-se a lâmpada da vida, a cuja luz percorro meu caminho procurando distribuir com outrem, as riquezas que generosamente tu me deste.

Rio, novembro de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 134 07/03/2017 11:10:45

ENSAIO

As águas do rio refrescam a terra generosa e, sussurrando suaves melodias, lá se vão em busca do mar que as espera como ansioso namorado.

Árvores seculares deitam ao solo grandes sombras, onde vêm descansar as feras do deserto, na sua ronda pela subsistência; em seus galhos, pojados de frutos, abrigam-se aves e insetos.

O ar trescalando o aroma das flores que beijou, agita a copa das selvas, como se acariciasse os cabelos da amante, numa festa de amor.

Os insetos ostentando ao sol as joias das suas asas, promovem a boda das flores.

As corolas frementes não tardarão a oferecer seus frutos à benção do sol, que preside à festa da natureza como um velho patriarca.

O homem primitivo, tangido pela fome e por perigos, na sua peregrinação solitária pela terra, veio ter à maravilhosa região que lhe oferecia frutos em vez de feras.

Seu cérebro de bruto mal pôde compreender que a vida ali seria mais amena e logo o seu corpo fatigado de lutas e jornadas buscou repouso junto às árvores, que o defenderiam do sol e o

miolo_sob_ceu_antares.indd 135 07/03/2017 11:10:45

abrigariam das chuvas. A relva macia acalmou em seus músculos as dores causadas pela aspereza das cavernas.

Seus ouvidos, ainda atordoados pelo ronco das bestas, escutaram o canto dos pássaros e o marulhar das águas, e a sua alma bárbara e primitiva deixou-se embalar pelas melodias naturais que chegavam ao seu conhecimento através dos sentidos. A fadiga venceu-lhe os músculos sempre destros e ativos, e ele, por fim, adormeceu.

Quando seus olhos novamente se abriram, ele viu diante de si uma criatura que lhe era semelhante. Apenas seu porte era mais fino e suas formas eram mais suaves.

Por um incompreensível mistério, ele não agrediu nem recuou e seus braços, habituados a rudes movimentos e gestos agressivos, puderam apenas estreitar brandamente sobre seu peito o corpo macio da companheira.

Sua voz bárbara se abrandou e, na sua linguagem primitiva, pôde articular enfim o som mais harmonioso pelo qual chamou aquela que formaria com ele, através dos séculos, a unidade garantidora da espécie. Não tardou que a noite viesse escurecer as selvas, onde a primeira palavra de amor, na sua forma mais rudimentar, foi dita pelo primeiro homem quando, inconsciente, traçou com a sua companheira os rumos que seguiria o gênero humano.

Outros homens vieram depois à terra onde o rio refrescava as raízes das árvores entoando melodias, e as borboletas, brincando por entre folhas, levavam em suas patas os bilhetes de amor que as flores se mandavam.

miolo_sob_ceu_antares.indd 136 07/03/2017 11:10:45

O sentimento de solidariedade que a companheira e mais tarde o filho haviam despertado nele, logo se expandiu. Mais forte, mais experiente, acolheu os novos companheiros, mostrando-lhes as árvores cujos frutos eram bons; ensinando-lhes as ramagens que melhor cobriam o corpo; indicando-lhes o lugar onde as feras passeavam.

Mais tarde, com a ajuda comum, pôde fincar na terra os galhos arrancados às árvores e, cobrindo-os de folhas, criar um lar onde, melhor agasalhados e defendidos, dormiam quando a noite vinha sombrear a terra generosa, legando assim aos pósteros os fundamentos da sociedade: comunhão e amor.

Surge aí também o seu primeiro problema moral, a mesma tormenta que ainda hoje acompanha seus filhos.

Quanta vez em seu sangue rugiu a voz imperiosa do desejo e do amor e ele a sufocou.

Quanta vez desejou cerrar nos braços poderosos o corpo da companheira, descansando seus músculos e apaziguando sua mente e, ao contrário disso, se viu lutando lado a lado com os seus semelhantes, na defesa comum do alimento, da casa ou da vida.

Sociedade tão longinquamente organizada, tem sido a um tempo, fator de sobrevivência humana e fonte dos íntimos sofrimentos individuais.

Berço dos conflitos de amor que acompanham o homem em todos os tempos.

Salomão e Balkis, Páris e Helena, Marco Antônio e Cleópatra são alguns dos marcos que registraram na História a irreconciliabilidade no dualismo de sentimentos: Sociedade e Amor.

miolo_sob_ceu_antares.indd 137 07/03/2017 11:10:45

Sempre, em todas as idades, o ser humano recebeu o quinhão da herança ancestral. A sociedade o prende, o amor o solicita.

Rio, novembro de 1946

miolo_sob_ceu_antares.indd 138 07/03/2017 11:10:45

PRIMEIRO DIÁLOGO

"VÓS SOIS A FORJA DE DEUS"

(palavras que me ficaram na memória, ditas por um sacerdote aos noivos, no ato do seu casamento, na Capela da Reitoria)

Quem és tu que viajaste tantos séculos
Pelos misteriosos caminhos dos céus
Antes de chegares até nós,
Naquela festiva manhã do dia três?

Em que estrela moraste junto de Deus?
Aldebarã, Sirius, Antares
Ou na poética Estrela do Pastor?

Em que galáxia andaste passeando
Depois que andei por lá.
Lavrando a Via Láctea para a fecunda sementeira?

miolo_sob_ceu_antares.indd 139 07/03/2017 11:10:45

Quem és tu que chegando de repente
À minha casa, feito de carne e de sangue,
Nela penetraste como seu dono e senhor?
Quem és tu que andaste sempre junto de mim
E agora me apareces festejando minha alma
Com tuas mãos tão pequeninas?

Quem és tu que iluminas num instante
Meus olhos fatigados, na hora do crepúsculo,
Com a meiga luz do céu
Que ainda trazes nos teus olhos?

Quem és tu que surges num minuto
Como a presença do milagre,
Diante dos meus olhos que choraram
Quando viram tua face inocente no berçário?

Quem és tu, pedaço de mim mesmo,
Descido do céu, na hora da benção do Senhor
Que te criou à sua imagem e semelhança?

Quem és tu?

–

miolo_sob_ceu_antares.indd 140 07/03/2017 11:10:45

Quem sou?

Desci dos céus
Pelas mãos de Lúcia e de Luiz,
Guiadas pelas mãos de Deus,
Na hora sagrada do amor
Que eternizou em mim a tua vida.

Sou o primeiro a chegar
Trazendo em minhas mãos pequeninas
Paz para tua alma
E amor para teu coração,
Criado por Deus que está no Céu
Em sua forja na Terra,
Em paciente e abençoado labor.

Sou MAURO, teu neto.

Rio – GB, 3 de novembro de 1967
Do avô Oduvaldo ao primeiro netinho

miolo_sob_ceu_antares.indd 141 07/03/2017 11:10:45

MENSAGEM DE BATISMO

A meu neto CLÁUDIO
Em 14 de abril de 1968
Domingo da Ressurreição

Que extraordinária figura foi João Batista, que antes de se tornar santo, foi aquele homem que peregrinou pelos desertos, cobrindo seu corpo emagrecido com áspera pele de camelo e alimentando-se parcamente de mel e gafanhotos, às margens do Jordão, numa demonstração bíblica de virtude, cujo exemplo atravessaria os séculos.

Tão exigente e severo foi consigo mesmo, tão fiel à prática da simplicidade na austeridade, que talvez eu não exagere se o chamar de antipático aos olhos dos que se consideraram grandes e poderosos em todos os tempos, que continuam hoje, como ontem, exigindo sua cabeça exposta na bandeja, em obediência a Salomé.

E por que eu o chamo assim? Mal disse? Ai de mim!

Mal todos nós que estamos tão distanciados da sua grandeza que não o podemos compreender.

miolo_sob_ceu_antares.indd 142 07/03/2017 11:10:45

Esse João Batista tão grandioso, que sendo mestre confessou-se discípulo diante de Jesus, ao batizá-lo nas águas mansas do Jordão.

E de tal forma o fez, tão simples e humildemente se portou diante do Mestre, que este pôde dizer a seus apóstolos: IDE, ENSINAI A TODA GENTE E BATIZAI A TODOS EM NOME DO PAI, DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO.

Dois milênios já se passaram e eis que o fato se repete.

Desta vez és tu, CLÁUDIO, meu neto, que compareces ao Jordão, representado agora simbolicamente numa concha de prata, na Igreja dos Padres Camilianos, na Estrada Velha da Tijuca, um leito verde do rio.

Diante de ti está o sacerdote. É o mesmo João Batista transmudado através dos séculos. Suas palavras são ternas, humanas, cheias de fé, dirigidas a ti, carinhosamente suspenso ao colo da Adélia, tua amorosa avó materna, ladeada de Chehade, teu avô, todo ternura. São teus padrinhos, conforme o desejo de teus pais, porque nasceste varão. Eles os secundam na ordem da proximidade a ti, diante da pia batismal. Depois eu e Caçula, teus avós paternos.

Mais atrás, Armando, teu tio-avô, e sua mulher Clarisse. Estarão eles cometendo o pecado da inveja, nessa hora?

O templo em sua singeleza faz-me lembrar dos tempos primitivos do Cristianismo. As palavras do sacerdote levam-me às margens pacíficas do rio histórico. Acodem-me à memória nesse momento palavras que ouvi de teu bisavô. Grande pensador! Grandes ideias!

miolo_sob_ceu_antares.indd 143 07/03/2017 11:10:46

Ecoam no templo como as palavras dos primeiros cristãos, nas catacumbas romanas, na época dos mistérios. Tudo é ressonância, é propagação da ideia generosa da fraternidade universal, tal como a ensinou Jesus e os apóstolos.

Teu corpo é ungido no peito e nas costas, em forma de cruz.

Sal é posto em tua boca. Fizeste uma careta, mas gostaste do sabor, pois logo o sorveste. Pudera! Estavas em contato direto e sagrado com a fonte da vida, segundo pensam alguns biólogos.

Água é derramada em tua cabeça, da concha simbólica, pelas mãos piedosas do padre.

Orações. Corações contritos. Bênçãos. Abraços. Parabéns. Afeto!

Batismo. BAPTISMOS. Imersão, em grego.

E através desse ato, penetraste na grande comunidade cristã.

Essa mesma que há dois mil anos vem pregando pacificamente a confraternização entre os homens, já que afirma que somos todos filhos do mesmo Pai Celestial.

Entretanto, CLÁUDIO, uma nuvem tolda nossos olhos. Uma nuvem à semelhança daquela que Camões descreveu à chegada da frota de Vasco da Gama ao Cabo das Tormentas:

EIS QUE SOBRE NOSSAS CABEÇAS APARECE
NEGRA NUVEM QUE OS ARES ESCURECE
TÃO TEMEROSA VINHA E CARREGADA
QUE PÔS NOS CORAÇÕES UM GRANDE MEDO

miolo_sob_ceu_antares.indd 144 07/03/2017 11:10:46

É que sobre teus colegas (serás um estudante um dia), cavalos montados por outros irracionais (meus companheiros na proximidade zoológica, menos nobres, porém), investem contra o templo, contra os jovens e possuídos de fúria, tal como as bestas do Apocalipse, esbordoam, ferem, massacram e matam sem piedade, aqueles que nos podem salvar da mediocridade.

Treme minha carne. Vacila minha mente. Sofre meu coração, pensando neles e em ti, que um dia serás um deles. Um estudante em busca de conhecimentos que nos libertem a todos, dessa nuvem negra de ignorância, que faz a todos nós infelizes.

Entretanto, uma esperança nova surge como um facho de luz, espalhando as densas trevas de agora. São os padres abrigando os jovens fracos e desarmados, da brutalidade animal, revivendo o episódio de Cristo entre as crianças.

É a sua humildade em reverência à memória do colega morto, ao saírem da igreja, após as exéquias, desfilando pacificamente diante dos cavalos, num magnífico exemplo de grandeza.

Tua geração nos libertará pela ciência das universidades, pela fraternidade da igreja, pelo exemplo edificante de S. João Batista.

É por isso, CLÁUDIO, que, inspirado em teu batismo, celebrado na radiosa manhã de 31 de março de 1968 (um dia após o aniversário de teu pai), eu te escrevo hoje, Domingo da Ressurreição, esta mensagem de fé em dias melhores que virão, mercê a força dos ideais que os jovens trazem em seu coração incorrupto, criada por Deus, para aperfeiçoamento da espécie, ao longo da vida, que se apura e se eterniza em cada geração,

miolo_sob_ceu_antares.indd 145 07/03/2017 11:10:46

apesar dos cavalos que investem contra ela, para destruí-la, inutilmente, porém.

CLÁUDIO, meu neto, bendito seja o teu batismo, em hora tão dolorosa (mas passageira), para os jovens do Brasil, dos quais tu és uma das expressões mais recentes e promissoras da grande esperança nos dias melhores que eu sinto chegando até nós nas conchas das tuas mãos pequeninas e na luz dos teus olhos tão meigos, que fazem de mim a criatura mais feliz do mundo, quando eles se fixam nos meus olhos, iluminando-os como a imaculada luz da madrugada que anuncia o novo dia.

Do avô Oduvaldo

miolo_sob_ceu_antares.indd 146 07/03/2017 11:10:46

MINHA JOIA DO MUNDO

Carta à minha neta FLÁVIA, no dia do seu nascimento: 23 de abril de 1969, dia de São Jorge.

"Quando nasceste tu"

Lo Schiavo – ópera

Carlos Gomes

Quando Lília, a prima querida e a médica total, quis apostar comigo, por ocasião do casamento de Heliane, tua prima (jovem e bela, como serás um dia. Um dia? Já és agora!), que tu serias FLÁVIA e não Flávio, eu lhe respondi:

Se assim for, ela me encontrará cercado dos livros que cuidam da vida, tão meus familiares ao tempo de estudante – Pizon, Aubert, Langlebert, Claude Bernard, Lafayette, Potsch (foi meu professor) – buscando neles a explicação para o mistério da vida, mais que isso, o mistério da tua vinda até nós nesta alegre e festejada madrugada de São Jorge, saudada efusivamente com a música da alvorada e o espocar dos foguetes, aos 23 de abril de 1969.

miolo_sob_ceu_antares.indd 147 07/03/2017 11:10:46

Procedeu-a uma trovoada que rasgou o silêncio da noite, purificando com a água destilada das nuvens e o ozônio ativo de seus raios, o ar que chegaria pela primeira vez aos teus pulmões.

Mais uma vez pensei nesse profundo mistério que cerca a vida em todas as suas manifestações, quando vi a tua face, muito parecida com a de tua mãe, quando fitei teus olhos que se abriram para mim, sem entretanto verem, por enquanto, nem mesmo as lágrimas felizes que chorei.

E fiquei perplexo, parado como o bruto, diante do mundo que o cercava nos primeiros dias, perguntando a mim mesmo, sem entender: por que só agora chegaste, quando há quase quatro décadas esperamos ansiosamente por ti?

Que fatores presidiram esse evento para que assim fosse?

Que forças, cósmicas, telúricas, biológicas ou divinas, determinaram assim?

Onde estão os livros? Onde estão os mestres?

Por que me cerquei deles, febrilmente, à tua espera?

E a explicação dos cromossomos? E Mendel?

Eis que de repente, lá do fundo do pouco que aprendi, uma luz se acende e se projeta no caminho da minha indagação.

Vem de Ganot, do seu compêndio de física.

Lá, do íntimo de suas páginas vem o entendimento que tardava: a trovoada que antecedeu o teu nascimento é uma ilustração. Diante dela compreendi melhor a tua vinda e comovido me inspiro no fenômeno da destilação que purifica.

miolo_sob_ceu_antares.indd 148 07/03/2017 11:10:46

Vindo assim pelas mãos de nossos filhos, Luiz e Lúcia, vieste com a pureza da terceira geração.

Límpida como a água que primeiro vaporiza e depois se condensa em gotas cristalinas, nas retortas dos laboratórios que ensinam aos homens ou nas nuvens do céu que fertilizam a terra, tal como o amor nos corações das pessoas que propagam a espécie.

Chegaste como a gota de orvalho, no frescor da madrugada, pura e imaculada.

Bendito seja Deus, minha neta, que na sua alta sabedoria, nos concedeu agora a graça da tua presença entre nós.

Bendito seja Ele que te guardou em Seu regaço o tempo bastante para que nossos sonhos de pais, assim amadurecidos, pudessem se transformar hoje em bênçãos de avós.

Que Ele abençoe tua vida e que São Jorge guarde teus passos, viajando na lua, ao longo dos céus, entre a órbita dos homens e a órbita dos anjos, velando por ti, pelas noites em fora, pelos dias além.

Do teu avô,

Oduvaldo

miolo_sob_ceu_antares.indd 149 07/03/2017 11:10:46

IMPONDERÁVEL

REGISTRO:

Para meu neto ANJO, esperado de 30/03 a 12/04, nati-morto a 12 de janeiro de 1970, 13 dias após a morte de sua avó CAÇULA, ocorrida a 30 de dezembro de 1969.

VOTOS:

1 – MEDITAÇÃO: Deus sabe o que faz.

2 – IGNORÂNCIA: Minha curta inteligência não me deixa perceber a Sabedoria dos Altos Desígnios.

3 – SOFRIMENTO: Eu choro.

4 – CONSOLO: Eu escrevo.

5 – DESTINO: Eu os seguirei.

miolo_sob_ceu_antares.indd 150 07/03/2017 11:10:46

6 – HUMILDADE: Seja feita a vontade de Deus, na hora aprazada que me está destinada, no livro infinito que se edita no céu.

7 – CONFIRMAÇÃO: Amém!

Tu chegaste sem chorar
Silenciosamente
Mudo, sutil, imponderável
Como sombra de nuvem
Sobre a face da terra.

Teus olhos fechados pelas pálpebras cerradas
Não miraram o glorioso
Sol de Deus
Nem o delirante e enganoso
Sol dos homens.
Teus ouvidos não escutaram
O ruído do mundo
Fiéis que ficaram nas harmonias do céu.

Tuas narinas imóveis
Não se abriram
Para o grande e profundo hausto

miolo_sob_ceu_antares.indd 151 07/03/2017 11:10:46

Que inauguraria em teus pulmões
A química redentora da vida
Pelas combinações infinitas
Do carbono no teu sangue
Criando e renovando tecidos
No teu corpo.

Tua pele semi-transparente
Não chegou a sentir
O calor de nossas mãos
Ansiosamente à tua espera
Para a festa da natividade
Nem tua boca muda abriu-se para receber
O grande alimento
Que multiplicaria em teu corpo
As células da vida.

Viajaste silenciosamente
Em curto tempo
Como estrela cadente
De um abismo rubro e fecundo
Para um abismo negro e estéril.

Deus virou mais uma página
Do seu "livro infinito

miolo_sob_ceu_antares.indd 152 07/03/2017 11:10:46

Que se edita no céu".

Convocou seus anjos-escribas
E ordenou-lhes com a autoridade
De sua onisciência:

Abri outra página
Enviai sem demora
Novo molde
À matriz que ficou na terra
Para que gere em seu ventre
Novo ser
À minha imagem e semelhança
Para a glória do meu Reino
E consolo de seus pais.

Soprarei em sua face
O sopro da vida
E recitarei aos seus ouvidos
A palavra
Que inspirei no passado
Ao seu ancestral

"Existi!"

miolo_sob_ceu_antares.indd 153 07/03/2017 11:10:46

E outra vez
Na história da vida
O Verbo
Se fará carne
Sobre a face do abismo.

Do avô Oduvaldo – Rio, GB – 12/01/1970

miolo_sob_ceu_antares.indd 154 07/03/2017 11:10:46

ASSIM VIERAM VOCÊS

Carta às minhas netas gêmeas RENATA e PAULA, no dia do seu nascimento: 26 de agosto de 1971.

"...mal compreendo o anseio

Do mundo por nascer que trazias no seio"

O Caçador de Esmeraldas, Poema de Olavo Bilac

I – RECORDAÇÕES

Quando nós transpusemos, no passado, o portão de nossa casa, na noite de núpcias e nela penetramos de braços dados, como marido e mulher, talvez só pensássemos em nós.

Talvez.

Mas as células que viviam em nossos corpos, apesar de devassadas no interior dos laboratórios, talvez ainda guardassem no mistério de seus núcleos, o segredo que nós ignorávamos.

Talvez.

miolo_sob_ceu_antares.indd 155 07/03/2017 11:10:46

Talvez por isso nem pensássemos que éramos no momento, o instrumento sensível da vontade suprema, a comandar nossas vidas para um destino distante.

Talvez.

E assim, meio indiferentes, apenas amantes, entramos em nossa casa de braços dados, para festejar "na penumbra do sonho" o desejo incontido do prazer pessoal, sem pensar um segundo que lançávamos ao mundo a semente de um milagre.

O tempo passou e a semente germinou.

II – PRESENÇA

As espigas vieram carregadas de grãos e a lavoura progrediu.

Eis que de repente no meio dela a semente se duplica e rompendo a crosta rude que a protege, salta livre, lança-se ao mundo que a recebe como um símbolo de tudo que foi e de tudo que vai ser.

III – MOMENTO

Assim vieram vocês, minhas netas gêmeas, neste dia feliz, despertando em meu ser adormecido a saudade daqueles tempos primeiros, quando nós, eu e a avó, recebíamos de coração aberto os filhos que chegavam.

Assim vieram vocês, como frutos novos, múltiplos, dulcíssimos, distanciados porém da sementeira primitiva.

Assim vieram vocês ao meu olhar estarrecido, diante do milagre, por entre as lágrimas escondidas da saudade, vislumbrando num átimo, a ressurreição gloriosa em seus corpos recentes,

miolo_sob_ceu_antares.indd 156 07/03/2017 11:10:46

da avó que partiu em demanda do nada, depois de tê-las conduzidas em seu regaço.

Assim vieram vocês, minhas netas, como um milagre nem sequer suspeitado, a realizar-se a longo prazo, quando eu e sua avó, moços, radiantes, levando sonhos nos corações, transpusemos o portão de nossa casa, de braços dados, em nossa primeira noite, como marido e mulher, depois que o saudoso padre Severino, abençoou nossas vidas, diante dos parentes e amigos.

Assim vieram vocês, minhas netas, ao meu coração solitário, como benção do tempo, através do mistério, no momento da saudade, à feição de um consolo.

Assim vieram vocês.

Do avô,

Oduvaldo

miolo_sob_ceu_antares.indd 157 07/03/2017 11:10:46

SÍNTESE

Carta à minha neta MARIANA, nascida aos 35 minutos do dia 16 de julho de 1972.

"...Um gênio carinhoso e amigo,
O fantasma talvez...
Tomou-me as mãos..."

Visita à casa paterna,
Soneto de Luiz Guimarães

I – DESÍGNIOS

Quando vocês, meus pais, numa data distante, perdida no tempo remoto, iniciaram suas longas, demoradas e sofridas viagens pelo território mineiro, em demanda das comarcas que marcaram seu roteiro, começaram a escrever na página da vida, a minha vida.

E ali, sem suspeitar talvez, registraram tudo que eu iria ter a receber, perder e manter.

miolo_sob_ceu_antares.indd 158 07/03/2017 11:10:46

Dentre os valores de cunho legítimo e puro que me vieram com sentido de constância e beleza, surgiram no tempo decorrido os netos que tenho e que a mim vieram por via de meus filhos e suas esposas, trazendo sua presença, meus pais.

Eis que agora, nesta data, desfila diante de meus olhos enternecidos, a mais recente neta, em seus minutos iniciais da vida, exibindo com vigor a presença do sangue ancestral, que se transformou em lágrimas nos meus olhos, por força do milagre.

II – INDAGAÇÕES

Por que isso?

Pois eu não me alegrei com seu nascimento?

Por que chorei então?

Porque você reviveu num momento, muitas vidas que se extinguiram e de repente ressurgiram à semelhança do milagre à borda do túmulo de Jesus.

Que é você para mim, nesta fase da vida que já se assemelha à chama bruxuleante ao vento, brilhando tenuemente em seus últimos lampejos?

Que é você que tendo apenas minutos de vida, quando a enfermeira descobriu seu rosto ainda enrugado pelas pressões de nove meses no ventre materno, revelou-se como um universo aos meus olhos extasiados ante a grandeza de uma vida que desponta? Que é você?

miolo_sob_ceu_antares.indd 159 07/03/2017 11:10:46

III – SENTIDO

Para seus pais, além do amor, você foi, naquele momento, a devolução a eles de um sentimento profundamente abalado por insucessos anteriores.

Você restabeleceu neles a confiança, a segurança em si próprios, ao verificarem sua competência para a perpetuação da vida, de que seu corpo pequenino e palpitante, oculto durante nove meses longos e trabalhosos, revelado no instante desejado, foi a expressão do poder que eles têm em seu sangue moço.

E para mim, que é você:

A revelação num átimo de todo o imenso passado em que vivo submerso.

Para mim você é sinônimo de SOMA, a operação matemática que reúne, porque juntando as parcelas esparsas e perdidas, as unifica num todo para todo o sempre.

Em sua face eu vi num relance as faces de todos os que a antecederam na marcha da vida.

Encontrei um pouquinho de cada um daqueles rostos que me foram familiares ao longo de um tempo extinto.

De tal forma foi que me pareceu escutar rumor de risos junto a mim como se estivessem também mirando alegremente seu rostinho naquele momento excepcional da vida.

Além dos risos, uma voz chegou aos meus ouvidos, no momento em que senti alguém tomar as minhas com carinho para repetir com amor a exclamação de outras vezes: “tão bonitinha”.

miolo_sob_ceu_antares.indd 160 07/03/2017 11:10:47

Pensei que sua avó estivesse junto a mim. Virei-me para vê-la. Não havia ninguém, apenas a memória que você multiplicou em meu coração, como resultante que é de todos nós, conduzindo para nós, a vida imortal.

Para mim, MARIANA, minha neta, você é o universo ressurreto pela força do amor e poder de seus pais, para glória de todos nós, chegado até mim na madrugada gloriosa de inverno, quando as estrelas luziam serenamente no céu límpido, lavado pelas chuvas que antecederam a data feliz.

Um balão grande, bonito, muito iluminado atravessou lentamente os ares, do norte para o sul, trazendo-me o passado no exato momento em que, com os olhos levantados para o céu, perscrutava seu futuro entre os astros que caminhavam do oriente para o ocidente, onde chegariam em paz ao amanhecer desse dia maravilhoso, MARIANA, tal como uma caravana que marchasse em silêncio, à noite, para ver seu rosto inocente, logo que o dia amanhecesse.

Do avô Oduvaldo

miolo_sob_ceu_antares.indd 161 07/03/2017 11:10:47

PROJEÇÃO

Carta a meu neto GUSTAVO, nascido às 9:35 horas, do dia 16 de janeiro de 1973, filho de Renato e Terezinha.

I – RAÍZES

"Caminharam como São José e a Virgem Maria, num burrinho, levando o filho em busca de um lugar onde pudessem pousar da longa e fatigante viagem. Assim chegaram a uma fazenda ainda distante da cidade, ao anoitecer e aí pousaram. Viram uma cena horrível e por fim adormeceram.

De manhã ela colou ao seio o filho pequenino.

Ele os beijou. Primeiro ela, depois o filho.

Sorriram e abençoaram o momento de amor.

Seguiram adiante e cumpriram a missão que lhes estava destinada nesse itinerário, que hoje, eu procuro reproduzir com um sentido de homenagem às suas vidas, de que sou fruto, frutificando também com o concurso da esposa querida que se foi, dos filhos admiráveis que vieram através dela, das noras

miolo_sob_ceu_antares.indd 162 07/03/2017 11:10:47

carinhosas que chegaram e dos netos adoráveis que estão aparecendo como a benção maior.

Lá vão eles, são meus pais. Eu os estou seguindo com uma diferença de quase oitenta anos. É uma reverência às suas memórias."

(do meu livro, em organização: ROTEIRO PARA UMA VIAGEM AO PASSADO, EM BUSCA DO PRESENTE, COM DESTINO AO FUTURO)

II – PROLONGAMENTOS

É um baile. A orquestra inicia uma música. Um tango?

Eu vou a você e você me recebe. Somos apenas namorados. Talvez nem isso. Apenas o começo.

Meus braços envolvem seu corpo jovem, que se entrega a mim docemente, nos movimentos da dança.

Era a promessa de tudo que haveríamos de ser ao longo da vida.

Seus cabelos negros tocam nos meus. Nosso olhar prende-se um no outro, trazendo um sentimento de doçura em seu brilho. Nosso sangue inflama-se nas veias ao contato de nossas mãos.

Um mundo novo e imenso está surgindo entre nós, que logo o entendemos e desejamos como parte da vida que nos caberia construir, por isso nos foi marcado além das distâncias que nos separam.

O destino e o tempo as encurtaram, no trabalho misterioso de aproximar as pessoas, marcadas pelo determinismo que comandava nossas vidas para um fim comum.

miolo_sob_ceu_antares.indd 163 07/03/2017 11:10:47

Naquele baile inicial nós estávamos lançando no tempo tudo que seríamos durante e depois dele, até o momento final em que nos separamos definitivamente pela sua morte. Você foi embora. Eu fiquei. Deus sabe por que em seus altos de desígnios.

Entretanto sua presença ficou, porque graças à sua pujança diante de mim, vieram todos que nos poderiam eternizar.

Você está viva porque fala ainda aos meus ouvidos na voz dos filhos e dos netos, como presença da vida que não se extingue, graças ao amor que se multiplica nas células, ao contato do beijo.

III – A VOZ NA MEMÓRIA

"Renato é um menino bom". A frase saltou brilhante, nítida, colorida, viva como uma centelha em minha memória, quando vi seu rostinho, GUSTAVO, através do vidro protetor do berçário, mal acabara de nascer.

Era a observação de sua avó sobre seu pai, quando nós dois, na intimidade, comentávamos nossos filhos, ainda crianças, naqueles tempos.

Ouvi de novo: "Renato é um menino bom".

Então, nada mais justo que você viesse a nós como a confirmação dessa observação.

Quando mirei sua face pela primeira vez, além da emoção natural que causa a presença do neto, senti profundamente a revelação da bondade em seus olhos nos primeiros minutos da vida.

Ainda que as células se destruam, ainda que as cinzas se dispersem na vastidão incomensurável dos desaparecimentos,

miolo_sob_ceu_antares.indd 164 07/03/2017 11:10:47

você será a presença daquilo que se não destrói, pela beleza do pensamento, pela nobreza do sentimento, pela eternidade do amor a passar de geração em geração como a chama sagrada que se acende em cada coração, gerado em cada corpo, ao contato de cada beijo.

GUSTAVO, meu neto, pela sua face falou outra vez a voz da avó, nesta data feliz: "Renato é um menino bom".

Um dia sua mãe dirá também: "Gustavo é um menino bom".

Eu não estarei mais aqui. Reunido à sua avó, não ouvirei as palavras, mas, através de pressentimentos e vaticínios, adivinho hoje as palavras de seus pais: Gustavo será um menino bom e descansarei tranquilo na profundidade do tempo interminável.

IV – DESCULPAS

Desculpe-me, meu neto, estar assim melancólico numa hora de festa.

É o tempo que me está conduzindo em seu dorso como um corcel veloz em demanda ao desconhecido.

Mesmo assim ainda sinto forças para brindar em você a aurora da vida, na renovação dos tempos que se sucedem.

Perdoe-me, meu neto, expressão de minha vida que acaba de se projetar mais uma vez, agora através de você, além dos tempos que me foram concedidos, no escasso prazo de existência pessoal.

Do avô,

Oduvaldo

miolo_sob_ceu_antares.indd 165 07/03/2017 11:10:47

miolo_sob_ceu_antares.indd 166 07/03/2017 11:10:47

PEÇAS TEATRAIS

ALVORADA

Drama em louvor ao Expedicionário e à Enfermeira brasileiros, de Oduvaldo N. Matta, com a colaboração dos professores Alvacyr Pedrinha, Glória Futuro, Belkiss Machado e Eví Monteiro, dedicado pelo autor à Enfermeira Expedicionária HELENA RAMOS.

Escrito em 27 de junho de 1945 e representado na festa artística com que a ESCOLA COMERCIAL WLADIMIR MATTA homenageou à F.E.B. e àquela Enfermeira, em sua sede, no dia 8 de julho do mesmo ano.

DISCURSO INTRODUTÓRIO

Exmas. Autoridades,

Enfermeira Expedicionária Helena Ramos,

Expedicionários,

Enfermeiras Expedicionárias,

miolo_sob_ceu_antares.indd 168 07/03/2017 11:10:47

Minhas senhoras e meus senhores,

A Escola Comercial Wladimir Matta, representando o pensamento unânime dos seus diretores, professores, alunos e funcionários, associa-se jubilosamente ao sentimento nacional de justo orgulho e admiração pela gloriosa Força Expedicionária Brasileira, promovendo esta solenidade, com que a homenageia, na pessoa dos seus lídimos representantes aqui presentes, recentemente regressados da frente de batalha, onde elevaram ainda mais, entre as nações, o nome do Brasil.

Desta forma pois e dentro das suas modestas possibilidades, procura cerca-los hoje do carinho, solidariedade e estima, de que são legitimamente merecedores, pelo muito que sofreram e realizaram, em favor de todos nós e em defesa da Pátria.

Nunca será demasiado, portanto, que enalteçamos o valor dos seus feitos no teatro da guerra europeu, onde, continuando as nossas tradições de bravos, escreveram páginas inesquecíveis da nossa história militar, na cruenta campanha de redenção do mundo.

Tanto agora, como no futuro, será sempre um justo motivo de orgulho nacional, relembrarmos as brilhantes e sucessivas vitórias obtidas pela F.E.B., na frente italiana, graças aos esforços conjugados da precisão do comando com a bravura inexcedível do Pracinha, que culminaram em Monte Castello e na captura da 148ª divisão alemã, completa, em habilíssima e notável ação tática.

Mas, isto não é tudo. Além da ação militar ela desempenhou também uma missão político-social da mais alta relevância.

A F.E.B. foi a voz altissonante, em meio o conflito desencadeado, em que periclitava a civilização, falando ao mundo

miolo_sob_ceu_antares.indd 169 07/03/2017 11:10:47

que o Brasil aceita a guerra se esta lhe é imposta, mas que a repudia tanto quanto repudia ao fascismo escravizador de povos e fomentador de guerra; que o Brasil não aceita formas políticas que se fundamentam na pretensa superioridade racial, nem admite a violência como sistema de relação entre os povos; que o Brasil é cioso das suas tradições de liberdade, justiça, cooperação e mútuo respeito, que os nossos maiores construíram e nos legaram; que o Brasil condena formalmente o recurso às armas para a solução dos problemas territoriais, econômicos e políticos, que possam surgir entre as nações; que o Brasil é um país livre, amante da liberdade, união e fraternidade dos povos, único caminho que os conduzirá à vida digna, tranquila e feliz.

Ela foi a portadora da mesma voz com que, tantas vezes, o Brasil tem falado ao mundo pela boca de Tiradentes e Patrocínio, Rio Branco e Ruy Barbosa e que agora mesmo se fez ouvir de novo, pela palavra de Leão Veloso em São Francisco.

Tal foi o papel que, no cenário do mundo, coube ao Expedicionário.

Não menor, entretanto, foi o da Enfermeira que o acompanhou nessa jornada heroica pelos campos e cidades da velha e atormentada Europa, levando-lhe, corajosamente, o apoio moral e a assistência da mulher brasileira, sem os quais teria sido incompleto o seu esforço.

Sim, ela o completou. Se o Expedicionário foi a força, a ação rápida e eficiente, que se opôs como um dique à onda do nazismo que ameaçava se espraiar pelo mundo, como um flagelo, a Enfermeira foi sem dúvida o sentimento, a abnegação, a renúncia, postos ao seu serviço, para mitigar as suas dores,

miolo_sob_ceu_antares.indd 170 07/03/2017 11:10:47

reconfortá-lo no sofrimento e subtraí-lo à morte muitas vezes, multiplicando-lhe, portanto, o valor.

Ela foi bem a síntese da família de que tanto se afastara, na extensa caminhada, o Pracinha valente.

Suas mãos reuniam, a um tempo, amor materno e desvelos de esposa, amizade de irmã e ternura de noiva, quando nos hospitais de campanha, tão distantes do lar, pensavam os ferimentos nas carnes ensanguentadas dos que iam tombando, no fragor da terrível acometida.

Os cegos, os estropiados, os alucinados, todos esses brasileiros que se desgraçaram na guerra que o nazismo deflagrou, apoiaram em suas mãos os seus corpos destroçados, para um triste e penoso caminhar.

Foram ainda as suas mãos amigas que, num último e piedoso gesto de humanidade, cerraram os olhos dos que não puderam sobreviver e assinalaram com uma singela cruz o local, no solo italiano, onde dormem os seus corpos.

Enfermeira Expedicionária Helena Ramos. Minha concidadã e minha prima.

Permiti que eu vos veja neste momento, como um símbolo, reunindo em vós todas as vossas companheiras de tão patriótica e altruísta tarefa, para que em dizendo a vós, eu o possa dizer também a todas as Enfermeiras, que como brasileiro, como pai, como diretor desta Escola, eu me orgulho de vós, eu vos admiro, eu vos agradeço.

Oduvaldo do Nascimento Matta

miolo_sob_ceu_antares.indd 171 07/03/2017 11:10:47

PERSONAGENS E INTÉRPRETES
(por ordem de entrada em cena)

A PAZ..... Aluna: Sônia Silva Fernandes - 1ª série-comercial

A INFÂNCIA..... Conjunto de alunos do curso primário (bailado): Maria Lígia Pimentel, Maria Alice Corrêa, Zélia e Olindina Medeiros, Elza Marques, Nara Ferraz, Marta Geoffrey e Wanda Figueiredo.

A HUMANIDADE..... Aluna: Célia Neves de Moura - 2ª série comercial

O EXPEDICIONÁRIO. Aluno: Olímpio de Santa Rita Matta - 3ª série ginasial, do Colégio São José

miolo_sob_ceu_antares.indd 172 07/03/2017 11:10:47

A ENFERMEIRA

HELENA RAMOS..... Aluna: Jenny Barbosa Leite - 1ª série comercial

A PÁTRIA..... Aluna: Maria Lezí de Araujo - 2ª série comercial

A NOVA GERAÇÃO... Alunos: Júlio Forster da Costa e Sarita Barzellay - 1° ano primário

AS NAÇÕES UNIDAS. Alunas: Irma Zilberberg (Inglaterra), Teresa Zilberberg (Polônia), Nilda Caldas (França), Nazira Petrus, substituindo Isabel Lopes (Yugoslávia), Marlene Del Peloso (China), Miriam Machado (Norte-América) e Miriam Rodrigues (U.R.S.S.)

Época: Atualidade.

Cenário: Nas cercanias de Monte Castello, na Itália.

miolo_sob_ceu_antares.indd 173 07/03/2017 11:10:47

PRÓLOGO - 1ª CENA

Surge a Paz - Vestuário: túnica branca – Fisionomia: confiante, feliz – Voz: clara, cantante, com entusiasmo – Gestos: largos, condizentes com a voz e o assunto – Local do palco: borda do palco, por fora do velário, que se mantém cerrado enquanto declama – Música para o fundo da declamação: "A Lenda do Beijo – Intermezzo", de Sotullo e Vert.

Oratória:

A PAZ

Ouço, ecoando nas encostas, o cântico das enxadas, cavando no seio do solo fértil, o berço das sementes.

Em breve, a terra trabalhada se cobrirá de espessas ramagens, recompensando os esforços do amanho com a fartura das colheitas.

Cheias de serena majestade, fumam as chaminés das fábricas, em cujas entranhas, trabalham as máquinas na feitura das utilidades, que a todos vão beneficiar.

Ouço nas oficinas um hino ao trabalho, que os martelos cantam nas bigornas.

Nas escolas, a ciência, como um sol, vai iluminando a mocidade que surge estuante e esperançosa para a vida, enquanto a infância canta descuidada os seus folguedos.

ABRE-SE O VELÁRIO – NO PALCO EM GRUPO

miolo_sob_ceu_antares.indd 174 07/03/2017 11:10:47

ARTÍSTICO PARA O BAILADO A INFÂNCIA

Então, em toda parte, sob a minha inspiração, o amor, numa linguagem conhecida de todos os homens, vai recitando alegremente em cada coração o divino preceito: "AMAI-VOS UNS AOS OUTROS".

INICIA-SE O BAILADO INFANTIL. DESENVOLVIMENTO DO MESMO ATÉ SEU FINAL. RUÍDOS DE AVIÕES QUE PASSAM BOMBARDEANDO. DEFLAGRAÇÃO DA GUERRA. FIM DO BAILADO: AS CRIANÇAS FOGEM ASSUSTADAS, LEVANDO CONSIGO A PAZ, QUE ATÉ ENTÃO PERMANECIA A UM CANTO DO PALCO ASSISTINDO À CENA.

PRÓLOGO - 2ª CENA

Surge a Humanidade - Vestuário: túnica cinza – Fisionomia: assustada e atormentada – Gestos: de temor, horror, desolação, enquanto caminha hesitante e aturdida no palco, silenciosamente – Música: "Introduzzione alla morte de Margherita – Mefistofele", de Arrigo Boito – Voz: grave, compassada, de condenação – Local do palco: centro, movimentando-se em vários sentidos.

Invectiva:

miolo_sob_ceu_antares.indd 175 07/03/2017 11:10:47

A HUMANIDADE

Guerra! Maldição que de tempos em tempos desce sobre os homens e os abate.

Guerra! Maldição criada por alguns, no embate das competições econômicas, no choque das ambições desenfreadas, no desmedido egoísmo.

Guerra! Subversão dos sentimentos insuflada nos corações das criaturas pela demagogia dos tiranos que fazem de cada homem um fratricida.

Guerra! Crime! Degradação! Pavoroso e obscuro declive, onde a Civilização caminha às cegas, calcando aos pés os milênios, em demanda à animalidade primitiva.

Guerra! Destruição! Luto! Miséria! Maldição!

Quando deixarás de ensanguentar a carne dos meus filhos?

RUÍDOS DE COMBATE

CERRA-SE O VELÁRIO

ATO I

Surge o Expedicionário - Vestuário: uniforme de campanha da F.E.B., inclusive uma metralhadora de mão, que apoia no colo – Fisionomia: séria, levemente acabrunhada – Voz: natural, compassada, como quem está pensando alto – Gestos: somente os passos. As mãos fixam a metralhadora, que exibirá discretamente, quando a ela se referir. Passos de sentinela em serviço de ronda, em toda a extensão do palco.

Monólogo:

miolo_sob_ceu_antares.indd 176 07/03/2017 11:10:47

O EXPEDICIONÁRIO

Guerra! Eis-me envolvido em suas malhas.

Eu, a alma moça e pacífica do Brasil, acalentadora de nobres e elevados ideais, transformada em instrumento de morte e destruição.

Por um fuzil troquei meus livros, meus arados, minhas ferramentas de trabalho ordeiro e criador.

FISIONOMIA AGORA ANIMADA E OTIMISTA

Entretanto, uma força estranha anima-me o espírito.

Vingando o sangue dos meus irmãos sacrificados nos mares, nesta guerra, sinto no entanto que ela é diferente e antevejo claramente o seu alcance projetado no futuro.

Algo me diz e mostra que este colossal esforço das Nações Unidas, de que sou uma parte ativa, é feito para impedir novas guerras e estabelecer a liberdade e a cooperação entre os homens, a fim de possamos todos legar uma vida pacífica aos que nos sucederem. Se eu sucumbir, meu esforço não terá sido em vão.

FISIONOMIA AGORA DISPLICENTE E JOCOSA

Mas, deixemos de reflexões e prestemos atenção porque o inimigo também ronda e A COBRA ESTÁ FUMANDO.

miolo_sob_ceu_antares.indd 177 07/03/2017 11:10:47

RUÍDOS DE COMBATE.
UM AVIÃO PASSA METRALHANDO.
O EXPEDICIONÁRIO USA A SUA ARMA,
AJOELHANDO-SE NO SOLO, REVIDANDO
O ATAQUE, ATÉ QUE TOMBA FERIDO.
CESSA O COMBATE.
ENTRA A ENFERMEIRA.

ATO II

Surge a Enfermeira - Vestuário: uniforme de campanha da F.E.B., munida de cantil e bornal – Fisionomia: atenta, porém branda e meiga – Gestos: solícitos de socorro, amparo e aconchego. Molha um lenço na água do cantil e com ele limpa e refresca o rosto do Expedicionário caído no chão. Dá-lhe a seguir água a beber, aproximando o cantil dos seus lábios e fala com voz animadora e carinhosa.

Diálogo:

A ENFERMEIRA

Aqui estou para te acudir, soldado do Brasil!

miolo_sob_ceu_antares.indd 178 07/03/2017 11:10:47

O EXPEDICIONÁRIO

(CAÍDO NO CHÃO)

Quem és? Meus olhos não conseguem distinguir tuas feições. Estou ferido. Creio que não resistirei aos ferimentos. Quem és?

A ENFERMEIRA

Sou a enfermeira brasileira, que juntamente contigo atravessou o Atlântico revolto, para te socorrer quando caísses ferido em combate, como agora.

Meu nome? Helena Ramos.

Venho para trazer-te o socorro de que precisas nesta terra estranha. E com ele, tudo o que deixaste em teu rincão amado.

Os desvelos maternos, a ansiedade da noiva, o carinho da irmã, que ficaram do outro lado do mar, tua família enfim, tu encontrarás nos meus gestos e palavras.

Vim para que nada te faltasse e nada te faltará, Soldado do Brasil!

Fé e coragem, Expedicionário! Por meu intermédio a Pátria te assiste.

miolo_sob_ceu_antares.indd 179 07/03/2017 11:10:47

O EXPEDICIONÁRIO

Sinto que morrerei, mas estou tranquilo porque tombo cumprindo o meu dever na defesa de um ideal superior. Tenho frio, muito frio.

Cada vez mais se anuviam os meus olhos e tua voz está chegando fracamente aos meus ouvidos.

AGORA AGITADO E SURPRESO, ESFORÇANDO-SE POR LEVANTAR, NO QUE É AJUDADO PELA ENFERMEIRA QUE APOIA O SEU BUSTO

Olha! Mais alguém se aproxima. Será outra enfermeira? Mas não vem de uniforme. Há muita luz em suas vestes. Ela resplandece! Será minha mãe que deixei lá no Brasil? Minha mãe... Minha mãe! Minha mãezinha querida.

Olha! Ela se aproxima!

(voz fraca) Quem será, Helena? Quem será, Hele...

A ENFERMEIRA

Sim, eu também a vejo.

É a imagem da Pátria que vem a ti nesta hora extrema. Como é bela e radiante! Ela vem falar-te, Expedicionário.

Escutemos atentos a sua voz sagrada.

miolo_sob_ceu_antares.indd 180 07/03/2017 11:10:47

ATO III

Surge a Pátria – Vestuário: vestido branco ornamental – Fisionomia: serena – Porte: majestoso – Voz: calma, afetuosa, tranquilizadora – Gestos: sóbrios. Suas mãos descansarão frequentes vezes nos ombros dos menores que a acompanharão – Acompanhamento: nas suas mãos a Bandeira Nacional e junto a si e na sua frente a Nova Geração (um casal de alunos dos menores); posteriormente as Nações com a respectiva bandeira, quando forem pronunciados os seus nomes – Local: nas proximidades do Expedicionário que se acha caído, com o busto apoiado no colo da Enfermeira.

Alocução:

A PÁTRIA

Expedicionário! Filho amado! Apesar da distância imensa que nos separava, eu senti os teus ferimentos, como em minha própria carne, logo que tombaste eu me afligi com tuas aflições, porque meu corpo e minha alma são feitos do corpo e da alma de todos os Expedicionários, de todos os Brasileiros.

E vim a ti, nesta hora extrema, para serenar a tua alma aflita com a segurança da minha palavra. Ouve pois.

Não foi em vão que derramaste o teu sangue generoso em terra estranha.

miolo_sob_ceu_antares.indd 181 07/03/2017 11:10:48

Grande é o alcance do teu gesto e profundos serão os efeitos dele decorrentes.

O sacrifício feito agora por ti, testemunhado e partilhado corajosamente por tua irmã, a Enfermeira Expedicionária, não se perderá como a semente lançada à terra sáfara.

Ele resultará em benefícios para os teus irmãos mais jovens, impedindo que eles, hoje crianças, tenham que, daqui a vinte anos, trocar seus livros, seus arados, suas ferramentas de trabalho ordeiro e criador, pelo fuzil assassino.

Em teu sangue, doravante, não se nutrirá o abutre do armamentismo.

A mística liberticida e racista, que levou o mundo a essa hecatombe, não mais encontrará guarida nos corações enlutados e tristes, porque a experiência mostrou a todos o horror da sua aplicação, como norma de conduta entre os povos.

Eu, unida às minhas irmãs e como elas vigilante aos desregramentos dos filhos transviados, não permitirei a reprodução dessa loucura.

ENTRARÃO AGORA AS NAÇÕES, QUANDO FOREM PRONUNCIADOS OS SEUS NOMES

Ei-las todas que vêm comigo confirmar as minhas palavras e robustecer a minha voz. Elas também falaram assim em LONDRES, VARSÓVIA, PARIS, BELGRADO, BURMA, PEARL HARBOR, STALINGRADO.

miolo_sob_ceu_antares.indd 182 07/03/2017 11:10:48

Venho para dizer-te que, buscando um futuro melhor e mais digno para todos os meus filhos, empenhei com elas a minha palavra em Teerã, na Crimeia e em Chapultepec, onde assinei as atas memoráveis com a tinta rubra do teu sangue.

Tranquiliza pois tua alma e no regaço fraterno da Enfermeira brasileira descansa teu corpo ferido, oh Expedicionário do Brasil!

O EXPEDICIONÁRIO ATÉ ENTÃO ATENTO, COMEÇA A DESFALECER NO COLO DA ENFERMEIRA ATÉ SUCUMBIR TOTALMENTE, DE FORMA QUE SUA MORTE COINCIDA COM AS ÚLTIMAS PALAVRAS DO PERÍODO SEGUINTE

Que os primeiros albores da nova era de paz e união entre os homens possam iluminar a tua face de herói, em cujo sangue derramado agora se erguerá uma nova civilização, justa, digna, gloriosa, que tu, filho amado, legarás aos teus irmãos mais jovens como o melhor e mais valoroso dos troféus!

CERRA-SE O VELÁRIO, POR TEMPO SUFICIENTE PARA QUE O EXPEDICIONÁRIO SE RETIRE DE CENA. COM O VELÁRIO CERRADO, UM ALUNO, COMO LOCUTOR DE RÁDIO, EXCLAMARÁ DA CAIXA PARA A PLATEIA:

miolo_sob_ceu_antares.indd 183 07/03/2017 11:10:48

Alô. Alô. Atenção brasileiros. Vitória da F.E.B. em Monte Castello!

Atenção. As tropas soviéticas entram em Berlim!

Alô. Alô. Atenção. Rendição incondicional da Alemanha! Terminou a guerra. Vitória das Nações Unidas!

ABRE-SE O VELÁRIO, MOSTRANDO AS NAÇÕES UNIDAS

E A ENFERMEIRA, DIANTE DAS QUAIS DESFILAM OS ALUNOS

COM O UNIFORME OLÍMPICO DA ESCOLA

FIM

miolo_sob_ceu_antares.indd 184 07/03/2017 11:10:48

O PÁSSARO AZUL

I - INTRODUÇÃO

O pássaro azul soltou seu trinado harmonioso, mirou o espaço do alto da árvore, lançou-se nele e atravessou-o num voo rápido e vigoroso. O homem interrompeu seu trabalho, seguiu-o com os olhos, até que desaparecesse no arvoredo ao longe. Um vago lampejo de ternura, eivado de secreta tristeza, iluminou seu olhar, fitando o pássaro fugitivo.

Todos nós guardamos no fundo do coração um latente desejo de eternidade. Não há quem não tenha experimentado essa secreta aspiração de superar a Vida e a Morte. Os prazos concedidos à criatura humana são, porém, fatais e irrevogáveis. Só a palavra está isenta da fatalidade, porque os textos sagrados asseguram que o Verbo é eterno. Nessa ânsia de perpetuidade, cada um procura dizer algo que perdure através dos tempos. Algo que seja o próprio homem, de ontem e de hoje, de amanhã e de sempre, imutável na própria essência de suas ideias e sentimentos.

Dentre muitos um há que, buscando explicação para as coisas da vida e não as tendo encontrado, julga ter visto no voo de um pássaro uma mensagem do passado, um convite para um

miolo_sob_ceu_antares.indd 185 07/03/2017 11:10:48

retorno ao princípio da vida, a ver se lá encontra a explicação desejada e a inspiração necessária para prosseguir no caminho sem desencanto e desfalecimentos.

Vem-lhe o desejo de começar de novo, a razão, porém, mostra-lhe o absurdo da pretensão e ei-lo a recompor as ideias, a arrumá-las, a agrupá-las, através das idades.

Recordando, perscrutando, indaga da própria natureza da vida para concluir da sua finalidade. E se alguém lhe perguntar que relação pode haver entre um pássaro que voa e um homem que pensa, ele responderá convicto: a mesma que existe entre a estrela que brilha e a água que reflete a sua luz na placidez do seu espelho. É a misteriosa ligação do que se move com o que está inerte. Invisível linha que prende o que foi ao que é. Por incrível que pareça, a própria distância é um traço de união entre os seres.

A simples presença de um pássaro ante seus olhos, fez com que se encontrassem diante dele, naquele momento, duas épocas, duas idades, tão afastadas uma da outra.

Diante do presente, projetou-se o passado. O homem contemplou-o demoradamente, saudosamente. Comparou-o com o momento atual. Decepcionou-se. Procurou, então, antever no tempo a marcha da vida, olhando para a frente, como quem busca enxergar o que existe, no fim do caminho.

A luz fugiu-lhe dos olhos fatigados. Espessa bruma recobriu-lhe os contornos indecisos e ele se viu só, diante do mundo, sem compreendê-lo. Pensou no poeta e lembrou-se de seus versos:

miolo_sob_ceu_antares.indd 186 07/03/2017 11:10:48

"OH! QUE SAUDADES QUE EU TENHO
DA AURORA DA MINHA VIDA
DA MINHA INFÂNCIA QUERIDA
QUE OS ANOS NÃO TRAZEM MAIS"

As lágrimas afloraram-lhe aos olhos. Uma voz, vinda de longe, chegou-lhe aos ouvidos, murmurando-lhe:

- Este é o justo momento para começar de novo.

Ansioso ele indaga:

- Como, se o tempo já passou?

A voz segreda-lhe:

- Olhando para cima, mirando o céu tranquilo e descobrindo no pássaro que voa a proveitosa lição que vem do alto.

II – CONVITE À PLATEIA

PERSONAGEM

[Consultando livros, sentado à mesa e escrevendo. Interrompe o trabalho aparentando fadiga. Olha absorto através da janela aberta, levanta-se, a ela se dirige e queda-se a olhar para fora, contemplativamente. Retorna à mesa e tenta reiniciar o trabalho. Interrompe-o novamente, levanta-se, vem à boca do palco, mira a plateia durante algum tempo, dirigindo-lhe depois as perguntas que se seguem, procurando emprestar às suas palavras um tom de debate]

miolo_sob_ceu_antares.indd 187 07/03/2017 11:10:48

- Que homem, porventura, ainda não viu, como eu, esse maravilhoso pássaro azul em algum momento fugitivo da sua vida?

- Quem, como eu, deixou de persegui-lo através do espaço, com os olhos já fatigados de tantas imagens duras e hostis?

- Qual dos senhores, aí sentados, que estão assistindo ao que eu faço, já não fez o mesmo que estou fazendo agora: interromper o trabalho e mirar o pássaro que voa?

- Acaso é crime isso? Não? Por que me olham então com essa cara de espanto? Sabotagem? Foi isso o que o senhor disse? Não? Pois olhe, eu seria capaz de jurar que o ouvi dizer claramente: **sabotagem!** Não disse? Ah! Desculpe-me então. Mas pensou. Garanto que pensou. Como? Não foi o senhor? Quem teria sido, então? Seu vizinho? Qual deles? Da direita ou da esquerda? Da direita, claro! Logicamente só poderia ser o da direita.

- Tranquilizem-se todos. Eu não estou sabotando, estou apenas recordando. E os anos todos de trabalho que ficaram para trás, acaso não me garantem o direito de parar um minuto ou dois para contemplar o pássaro livre?

- É um direito sim senhores. Pois não, é um direito. As leis asseguram isso. Está escrito.

- O senhor lá, que é funcionário público, sabe disso.

- Ou será que o amigo nunca tirou licença-prêmio?

- Não o fez ainda? Por que? Quinquênios incompletos?

- Mas é um direito, não é verdade? O senhor fez bem em afirmar, porque senão poderia parecer que eu estava puxando brasa para a minha sardinha. Fico-lhe muito grato pela ajuda.

miolo_sob_ceu_antares.indd 188 07/03/2017 11:10:48

- Pois é, aí está tudo que fiz: usei o direito de parar para sonhar. E os senhores não me podem recriminar por isso, porque cada um dos que aí estão já fez a mesma coisa muitas vezes.

- O senhor aí, que é engenheiro, já não fez uma pausa nos seus cálculos e não ficou esquecido, olhando a árvore lá fora que se balançava ao vento?

- E aquele químico acolá, que deixou a retorta destilando e foi até a janela mirar o céu azul?

- E o médico, o professor, o pesquisador, o advogado?

- Todos: o comerciante, o sacerdote, o proletário, até o capitalista, todos enfim, já não suspenderam seus trabalhos e ficaram embevecidos, olhando alguma coisa de somenos importância, tentando um retorno à vida, através da recordação?

- Garanto que já o fizeram. Deixem-me portanto que eu o faça também. E se acaso alguém aí presente ainda não o fez, que o faça agora. Que venha comigo, tirar sua licença-prêmio, para seguir no tempo e no espaço, o pássaro que voou, diante de nós, numa hora amarga, ligeiro como a vida, livre como a ideia, belo como o amor! Ele nos levará às fontes da vida. Seguindo-o, nós retornaremos à própria vida. Venham comigo! Não se demorem. Olhem! Ele ali está, pousado na árvore.

- Sim! Naquele galho mais alto. "Entre um ninho e uma flor", como diria o imortal Bilac. Vejam que linda plumagem, que azul cintilante enfeita suas asas!

- Ouçam como é mavioso o seu canto! Escutem! Não interrompam! Quanta beleza! Venham depressa antes que ele voe para longe de nós, para o país do nunca mais!

miolo_sob_ceu_antares.indd 189 07/03/2017 11:10:48

MÚSICA – CANTO DO PÁSSARO

FECHA-SE O PANO

ABRE-SE O PANO

O Personagem a um canto, na frente do palco em penumbra. Aparece a seguir, entrando pelo fundo do palco, um garoto trajando roupa rústica, cabelo em desalinho, trazendo na mão uma gaiola com alçapão e uma atiradeira pendurada no pescoço.

Olha para cima, girando a cabeça de um lado para o outro, simulando localizar o pássaro, cujo canto se ouve de quando em quando. Encaminha-se para o centro do palco, colocando-se sob o jato de luz central, constituindo-se em quadro cênico principal. Sem falar, usando somente de mímica, desenvolverá a cena lançando mão de seus petrechos e ardis na seguinte ordem:

1 – pousar a gaiola no chão cautelosamente e espreitar de novo o pássaro na árvore, movimentando-se em vários sentidos;

2 – voltar para junto da gaiola e armar cuidadosamente o alçapão, pondo nisso grande empenho e atenção, experimentando-o;

3 – retirar os óculos, limpá-los na ponta da camisa e recolocá-los;

4 – retirar-se para um canto, no fundo, meio em penumbra, e observar o passarinho, que continuará cantando.

Ao cabo de algum tempo, revelando impaciência, volta novamente para junto da gaiola, olha para cima, faz o gesto de

miolo_sob_ceu_antares.indd 190 07/03/2017 11:10:48

ameaça à ave, retira do pescoço a atiradeira, mete a mão no bolso, como quem tira uma pedra, coloca-a na atiradeira, estica o elástico, faz pontaria e atira.

Cessa o canto do passarinho por momentos, para ser ouvido novamente, pouco depois, porém mais distante.

O garoto reúne seus petrechos e sai apressadamente.

Durante toda a cena, o Personagem observa-o com interesse, usando igualmente de mímica adequada e comentando a cena, enquanto esforça-se para reconhecer o garoto.

III – DIÁLOGO DOS MORTOS

PERSONAGEM

- Que menino será esse, que vem assim tão aparelhado para caçar o passarinho?

- Quem será ele, que veio tão prontamente aprisionar a ave descuidada? Com que intuito? Guardá-la só para si?

- Insensato. Pois não percebe que esse pássaro jamais se deixará prender, porque pertence a todos e por isso mesmo deve andar em liberdade?

- Que menino será esse? Onde já o vi? Quando?

- Há nele alguma coisa que se parece comigo. Talvez sejam os óculos que façam essa semelhança.

NESTE MOMENTO O MENINO RETIRA OS ÓCULOS, LIMPA-OS NA PONTA DA CAMISA OU BLUSÃO, RECOLOCANDO-OS DEPOIS

miolo_sob_ceu_antares.indd 191 07/03/2017 11:10:48

- Agora, assim sem óculos, curioso, ele se parece com toda gente.

DIRIGINDO-SE À PLATEIA

- Vejam como seu traço de boca é semelhante ao daquele homem, vestido de claro, lá no fundo.

- E os olhos? Têm a mesma cor dos daquele outro, de terno azul, sentado ali bem no meio.

- Esse jeito de espreitar o passarinho na árvore, essa ansiedade, ele trouxe de alguns dos senhores, que neste momento o observam. Reparem bem.

- Há nele alguma coisa de todos nós. Todos estamos refletidos nele.

O MENINO RECOLOCA OS ÓCULOS
E ESPIA NOVAMENTE PARA CIMA

- Agora eu me reconheço novamente nele.

SAI O MENINO

- Que sensação curiosa e estranha experimento neste reencontro com o passado!

- Que saudosas vozes chegam aos meus ouvidos!

O PERSONAGEM SE EMUDECE E ESCUTA
O DIÁLOGO QUE SE SEGUE

VOZ FEMININA

- Menino, deixe o passarinho sossegado e venha almoçar que está na hora.

VOZ DO MENINO

- Já vou mãe, é um minuto só. Não demora e ele cai no alçapão.

miolo_sob_ceu_antares.indd 192 07/03/2017 11:10:48

VOZ FEMININA

- Por que vai prendê-lo? Deixe-o solto como a natureza o criou. Se ela lhe deu asas é porque deve ser livre.

VOZ DO MENINO

- É para ouvi-lo cantar, mãe. Seu canto é tão bonito. Quero guardá-lo para mim, dentro da gaiola.

VOZ FEMININA

- Esse você nunca prenderá.

VOZ DO MENINO

- Por que não o pegarei?

VOZ FEMININA

- Porque ele é de todos os homens. Está sempre à nossa vista, porém nunca ao nosso alcance.

VOZ DO MENINO

- Pois a senhora vai ver só, como daqui ele estará em minha mão.

VOZ FEMININA

- Veremos.

O PERSONAGEM VOLTA A FALAR
COM A PLATEIA

- Que gratas e doces imagens desfilam diante de mim! Generosas palavras ecoam ainda em meus ouvidos, convidando-me a passear pelo mundo através dos caminhos da instrução.

O PERSONAGEM SE EMUDECE E ESCUTA
O DIÁLOGO QUE SE SEGUE

miolo_sob_ceu_antares.indd 193 07/03/2017 11:10:48

VOZ MASCULINA

- Vamos dar nossa lição para ver se os verbos já estão na ponta da língua.

VOZ DO MENINO

- Por que a gente precisa estudar francês e latim, pai?

VOZ MASCULINA

- Porque Paris e Roma são as portas do mundo, cujas chaves são os livros que estou pondo em suas mãos. Aprenda a usá-las e o mundo será a sua casa.

PERSONAGEM

- E a lição começava com sabedoria e afeto.

VOZ MASCULINA

- Apresente o indicativo do verbo "avoir"

PERSONAGEM

- J'ai, tu as, Il a... E vinha depois o imperfeito e o futuro.

VOZ DE OUTRO MENINO 01

- Amigo, vem soltar papagaio que o vento tá bom e eu já comprei linha 16 na loja do turco.

PERSONAGEM

- A leitura e a tradução. Mais tarde era a hora do latim. Surgiam frases e declinações.

VOZ DE OUTRO MENINO 02

- Vem jogar futebol, companheiro, que a bola é novinha e tem gente de sobra.

miolo_sob_ceu_antares.indd 194 07/03/2017 11:10:48

PERSONAGEM

- Desfolhava-se o tempo no calendário enquanto se alargava o âmbito dos conhecimentos através daquelas amadas palavras que ainda hoje sussurram em meus ouvidos.

VOZ MASCULINA

- O sol é uma estrela de quinta grandeza que ocupa o centro do nosso sistema, da qual recebe luz e calor.

PERSONAGEM

- Elas chegavam aos meus ouvidos, portadoras de ensinamentos, como abelhas carregando nas minúsculas patinhas o pólen fecundante que transformaria mais tarde o pomar em sazonado frutos.

VOZ DE OUTRO MENINO 01

- Vamos casar pião na roda. O bico do meu tá afiado de rachar até cabiúna.

UM CORO VAI-SE FORMANDO E DE TODOS OS LADOS VÊM CHEGANDO NOVAS VOZES, JUNTANDO-SE À PRIMEIRA, CRESCENDO SEMPRE, AUMENTANDO SEMPRE, DITANDO LIÇÕES

VOZ MASCULINA

- A ordem dos fatores... não altera o produto!

miolo_sob_ceu_antares.indd 195 07/03/2017 11:10:48

VOZ DE OUTRO MENINO 02

- O circo já está armado lá no Largo da Estação. É grande mesmo, vem ver. Tem bicho assim! O leão dá cada berro que só vendo. O palhaço tá na rua. Vamos acompanhá-lo.

- (imitando a fala do palhaço) Hoje tem marmelada? Tem sim senhor! O palhaço o que é? É ladrão de mulher!

VOZ MASCULINA

- A Lei do Ventre Livre teve por fim... impedir que os filhos de escravos nascessem escravos.

- Os corpos se atraem na razão direta das massas... e na razão inversa do quadrado das distâncias.

- Na natureza nada se cria, nada se perde... tudo se transforma.

VOZ DE OUTRO MENINO 01

- É noite de São João, vamos pular fogueira!

VOZ MASCULINA

- Camões, o maior poeta da língua portuguesa... escreveu "Os Lusíadas", que maravilha. Quem, hoje, lerá ainda aqueles formosos versos:

"As armas e os varões assinalados

Que da ocidental praia lusitana

Por mares nunca dantes navegados

Passaram inda além da Tapobrana..."

PERSONAGEM

- Cada lição era como a gota d'água que através do tempo formará, lentamente, pacientemente, a formosa estalactite.

miolo_sob_ceu_antares.indd 196 07/03/2017 11:10:48

- Conclusão: distantes e felizes tempos, em que todas as coisas eram cercadas de poesia e simplicidade, para onde vos levaram as asas do pássaro azul?

IV – NOITE DE FORMATURA

PERSONAGEM

- Hoje é noite de formatura. Em breve receberemos o cobiçado diploma. Aprestam-se os últimos detalhes: um retoque no discurso do colega orador, um reajuste na beca, um pouco de vaidade no semblante.

MULHER

- O ambiente lembra um teatro: diante de nós a longa mesa, reunindo a congregação que nos vai conceder o grau.

- Mais além, estendendo-se pelo salão enorme, a massa de convidados. Muita luz e flores em profusão. Centralizando o cenário, nós, estudantes de entusiasmo, olhando dominadores e arrogantes, todo aquele ambiente. Éramos os donos do mundo.

PERSONAGEM

- Quem poderia conosco naquele momento?

- Pois não íamos ser proclamados, publicamente, ali, diante de todos, colegas de nossos mestres. Que maior glória poderíamos ambicionar? Receberíamos deles a chave do mundo.

- Diante de nós iam abrir-se todos os caminhos.

MULHER

- Eis chegada a hora: o juramento, os discursos, o diploma.

miolo_sob_ceu_antares.indd 197 07/03/2017 11:10:48

RAPAZ

- Um "frisson" agita nossas mãos.

PERSONAGEM

- Depois, o baile.

MULHER

- Nesse momento, olho para você e surpreendo seu olhar fixado em determinado lugar, entre os convidados. Um estranho sentimento, nunca antes pressentido, assalta-me o espírito.

- Dentro em pouco, porém, estaremos na sacada, conversando, mirando a rua e o céu, enquanto a música ecoa nos salões e os pares dançam. Quem nos visse assim diria: um par de namorados.

MÉDIA LUZ

PERSONAGEM

- Quem nos conhecesse melhor, retrucaria: dois colegas saboreando uma noite de formatura. Alguém que passasse próximo escutaria este curioso diálogo.

MULHER

- E agora, que vamos fazer em este diploma?

PERSONAGEM

- Quando mais não seja, servirá à guisa de telescópio, para olhar a lua que brilha no céu.

SIMULA EMPUNHAR UM DIPLOMA ENROLADO
E ATRAVÉS DELE, ESPIAR O CÉU

miolo_sob_ceu_antares.indd 198 07/03/2017 11:10:48

MULHER

- Que ideia!

PERSONAGEM

(olhando o céu) – Hoje é lua cheia, que felicidade. Céu límpido, ar puro, está ótimo para observações astronômicas. Tentarei descobrir uma nova técnica.

MULHER

- De espectroscopia?

PERSONAGEM

(absorto) – De poesioscopia.

MULHER

(com espanto) – Em que consiste isso? Uma ciência nova?

PERSONAGEM

- Descobrirei por meio da luz, a presença de poesia no nosso amável satélite.

MULHER

- Curiosa técnica. Pena é que não seja original. Desde os mais remotos tempos que os poetas a empregam.

PERSONAGEM

- Não como eu, porém, assim através de um diploma.

MULHER

- Uma forma rudimentar de telescópio, que nesta era avançada da ciência, recomenda pouco seu inventor.

PERSONAGEM

miolo_sob_ceu_antares.indd 199 07/03/2017 11:10:48

- Eles, os poetas, olham livremente e vêm ao redor o luar espraiando-se em todas as coisas, pintando de prata tudo que encontra, ao passo que eu...

MULHER

- Ao passo que você...

PERSONAGEM

- ...espio a própria lua. Miro-lhe o disco prateado e descubro nele, vendo-lhe os desenhos caprichosos que assinalam sua superfície, motivos de poesia.

MULHER

- Interessante observação. E que encontra você lá?

PERSONAGEM

(outra vez absorto) – Muita coisa da infância.

O PERSONAGEM MIRA PELO DIPLOMA, DEMORADAMENTE, ENQUANTO FALA

- Lá está São Jorge, glorioso, montado em seu cavalo branco, equipado para combate, matando o perigoso dragão.

MULHER

(penalizada) – Pobre colega. De nada lhe valeu a ciência que este diploma representa. Coitado, está a confundir com imagem de santo o rebordo das crateras e o recorte dos continentes lunares.

PERSONAGEM

(ainda absorto, contemplando a lua) – Vejo um bando de crianças, brincando de fita.

miolo_sob_ceu_antares.indd 200 07/03/2017 11:10:48

MULHER

- Que brincadeira é essa, de que nunca ouvi falar?

PERSONAGEM

- Uma delas vende fitas de pano. As outras vêm comprar. Batem à porta, simulando com a voz o som da pancada na madeira do balcão. O vendedor atende, o comprador pede fita dizendo a cor. Se o vendedor não tiver fita da cor pedida, pagará multa. Geralmente os compradores procuram as cores mais originais deste mundo, impossíveis de se encontrar.

MULHER

- Isso também existe na lua?

PERSONAGEM

- É uma transação dessas que estou vendo lá agora. Vou descrevê-la. Escute só.

Neste momento chegou um comprador, bateu à porta:

...tó ...tó ...tó

...Que é que quer? Atende o vendedor.

...Uma fita. Diz o comprador.

...De que cor? Argumenta o outro.

...Cor do sapatinho de Nossa Senhora.

...Cadê o sapatinho de amostra?

...Tá na lua.

...Vai buscar, senão não vendo a fita.

...Não tem a cor, paga multa.

...Não pago, só se você trouxer o sapatinho de amostra.

...Paga.

miolo_sob_ceu_antares.indd 201 07/03/2017 11:10:48

...Não pago.

- E a lua seguia seu caminho, tranquila e majestosa, do oriente para o ocidente, como faz agora, levando São Jorge, montado a cavalo, matando o dragão e zelando pelos sapatinhos de Nossa Senhora.

MULHER

(tomando o diploma das mãos do colega) – Deixe-me espiar, nunca vi tais coisas em nosso satélite.

PERSCRUTA DEMORADAMENTE

O ASTRO E DIZ

- Nada vejo além da conhecida topografia selenita. Lá está o Mar da Serenidade, impropriamente chamado de mar. Mais abaixo, formando o que você chama de dragão, encontro o Oceano das Tempestades, também impropriamente assim denominado, porque a análise espectral revela que não existe água na Lua e por isso a vida lá é impossível. Vejo relevos e vales, partes sombrias e partes iluminadas, crateras, mas não consigo descobrir os sapatinhos de Nossa Senhora.

PERSONAGEM

- Você é técnica. Analista, meticulosa, denominando tudo, classificando tudo. Retire de seus olhos os óculos da ciência. Deixe-os livres como a natureza os criou e verá como todas as coisas se cobrirão de poesia, enfeitando o espírito, dando alegria e felicidade, aos que sabem contemplar a vida com a simplicidade das crianças.

MULHER

- A vida nos mostrará quem terá razão, se eu com a minha ciência...

miolo_sob_ceu_antares.indd 202 07/03/2017 11:10:49

PERSONAGEM

- ...ou eu com minha poesia

FECHA-SE O PANO

UMA VOZ

- De novo a vida canta, como a água no leito do rio, ao longo dos vales.

- Como nesse orvalho, as vicissitudes vieram se pintar de branco, em cabelos antes negros, enquanto os desvanecem, qual aguda oferenda, abriram fundos sulcos ao longo da fronte. Cresciam os desencantos, minguaram os entusiasmos.

V – ENCONTRO

PANO FECHADO

UMA VOZ

- Depois vieram outros tempos. Os acontecimentos fluíam sem cessar, na ampulheta da vida. Anos após ano, perseguindo o pássaro azul dos sonhos, o homem seguia o destino que lhe fora traçado, como roteiro de existência.

ABRE-SE O PANO

PERSONAGEM A

(lendo para o Personagem B o que acabou de escrever) – O pássaro azul soltou seu trinado harmonioso, mirou o espaço alto da árvore, lançou-se nele e atravessou-o num voo rápido e vigoroso. O homem interrompeu seu trabalho, segui-o com os

miolo_sob_ceu_antares.indd 203 07/03/2017 11:10:49

olhos, até que desaparecesse no arvoredo ao longe. Um vago lampejo de ternura, eivado de secreta tristeza, iluminou seu olhar, fitando o pássaro fugitivo.

PERSONAGEM B

(com aborrecimento) – A título de que vem você, com esse catatau todo, pra cima de mim?

PERSONAGEM A

- Para pedir sua opinião sobre uma tentativa.

PERSONAGEM B

- De romance ou de conto?

PERSONAGEM A

- Peça para teatro.

PERSONAGEM B

- Mas com esse "bife" todo, logo de saída?

PERSONAGEM A

- Eu disse que era apenas uma tentativa, cujo objetivo é o de fixar a ideia aproveitando o tema.

PERSONAGEM B

- Esse negócio é muito pau, não é o meu fraco.

PERSONAGEM A

- É pena, porque eu estava pensando em aproveitá-lo como ouvinte do que pretendo escrever.

PERSONAGEM B

- Mas logo a mim, que você haveria de escolher para isso?

miolo_sob_ceu_antares.indd 204 07/03/2017 11:10:49

PERSONAGEM A

- Ora! Que é que tem?

PERSONAGEM B

(levantando-se para sair) – Olhe, não leve a mal, é o tempo, sabe? Você compreende, eu não tenho tempo. Tenho um encontro agora, a que não posso faltar. Desculpe-me, mas já vou indo, você compreende, não é? (sai de cena)

PERSONAGEM A

(monologando) – Foi o diabo isso, para mim que gosto tanto de ir logo lendo em voz alta, para outra pessoa, o que acabo de escrever. É um bom método de não perder a noção de conjunto das ideias que acodem à mente. (dá de ombros)

- Não faz mal. Quem não tem cão caça com gato. Eu mesmo serei as duas coisas: escritor e ouvinte. Até que é curioso. Vamos ver em que é que dá. (recomeça a escrever)

ENTRA EM CENA UMA MULHER.
APROXIMANDO-SE DO PERSONAGEM A E
VERIFICANDO QUE ESTE ESTÁ
ESCREVENDO, INDAGA-LHE

MULHER

- Que assunto o absorve assim tanto, que nem dá conta da minha chegada?

miolo_sob_ceu_antares.indd 205 07/03/2017 11:10:49

PERSONAGEM A

(com surpresa) – Ah! É você? Há quanto tempo já que não nos víamos. Ainda bem que é você quem chega e como sempre numa hora feliz.

MULHER

- É uma felicidade saber que se é bem recebida e que não se ficou esquecida na noite dos tempos.

PERSONAGEM A

(mirando-a demoradamente) – Como seria possível esquecê-la? Pois não ouvimos juntos, tantas vezes, o mavioso canto do pássaro? Como esquecê-la nesta hora em que tudo é recordação? Ainda uma vez mais, você vem no justo momento.

MULHER

- Por que o diz?

PERSONAGEM A

- Por que você é o meu público e este é o motivo em que depois de dar um balanço nas recordações, eu venho a público para falar em decepções.

MULHER

- Esse tem sido o meu destino, que cumpro com prazer. Acho feliz o meu fado de poder ajudá-lo.

PERSONAGEM A

- Na vida que flui, que temos sido nós, senão um punhado de recordações? Só o passado é real. O presente foge como fumo e o futuro é incerto. O que fica, o que não termina, é o passado. Efetivamente é ele que nos pertence, pelo milagre da memória.

miolo_sob_ceu_antares.indd 206 07/03/2017 11:10:49

MULHER

- Eu diria antes que temos sido uma unidade. Acaso alguma vez deixamos de trilhar juntos os caminhos da vida?

PERSONAGEM A

- Por mais de uma vez temos ficado distanciados no espaço.

MULHER

- Nunca, porém, no tempo nem nos sentimentos, porque ainda pelo mesmo milagre da memória, dentro da ausência afetiva, tem havido sempre a minha presença simbólica, através dos nomes vários, com que tenho vindo para debater com você os anseios que nos ocupam. E não tem sido você mesmo que me tem dado esses nomes?

PERSONAGEM A

- Você fala com tal segurança que eu fico sem poder contradizer.

MULHER

- O que menos importa é o nome.

PERSONAGEM A

- Todavia, é por meio dele que distinguimos as pessoas.

MULHER

- Tudo isso é apenas convenção.

PERSONAGEM A

- Melhor seria, entretanto, que você tivesse sempre o mesmo nome, como toda gente.

MULHER

- Isso ficaria monótono, e depois, eu não sou como toda gente.

miolo_sob_ceu_antares.indd 207 07/03/2017 11:10:49

PERSONAGEM A

- Ninguém o sabe melhor que eu e já que você prefere assim, só me resta indagar com que nome você se apresenta agora.

MULHER

- Adivinhe se é capaz.

PERSONAGEM A

- Se é uma sugestão que me está pedindo, eu lembraria o nome bíblico de Eva.

MULHER

- Pois eu vou além da sua ideia e inspirando-me na própria fonte da vida, apresento-me hoje com o nome de Alma. Serei assim a sua Alma. Que tal lhe parece a inovação?

PERSONAGEM A

- Trocadilho, quis você dizer.

MULHER

- Não cheguei a pensar nisso.

PERSONAGEM A

- Acho isso tudo muito vago.

MULHER

- Ao contrário, é o que há de mais concreto e profundo. Senão vejamos.

PERSONAGEM A

- Estou achando você hoje com uns ares assim dogmáticos. Parece uma professora, ou melhor, uma conferencista. Só lhe falta assentar os óculos doutorais e deitar ciência.

miolo_sob_ceu_antares.indd 208 07/03/2017 11:10:49

MULHER

- Eu?! Pobre de mim! Que injustiça clamorosa! Limito-me apenas a repetir o que você mesmo disse.

PERSONAGEM A

- Eu?

MULHER

- Sim. Foi você mesmo que afirmou certa vez, perante várias pessoas, e com muita ênfase por sinal, que, enquanto a Forma é perecível, a ideia é eterna. Será que você já se esqueceu disso?

PERSONAGEM A

- Tratava-se de doutrina e eu defendia nessa ocasião um ponto de vista.

MULHER

- Pois eu aprendi com você, e por isso, vim desta vez com o propósito deliberado de assegurar a perenidade da minha existência junto a você, pela própria essência do nome e não pelo nome em si.

PERSONAGEM A

- É essa a razão da escolha?

MULHER

- Claro. Era isso justamente que lhe estava pretendendo explicar, quando você me atalhou, achando em mim ares dogmáticos.

PERSONAGEM A

- Continue então que eu a escutarei com muito prazer.

miolo_sob_ceu_antares.indd 209 07/03/2017 11:10:49

MULHER

- Se, ao invés de Alma, eu tivesse escolhido outro nome qualquer, o de Fome, por exemplo, ficaria logo sujeita à fatal contingência do desaparecimento, pela própria natureza do nome escolhido. Isso, já se vê, de acordo com o próprio ponto de vista que você defendeu.

PERSONAGEM A

- Daí se conclui que...

MULHER

- ...que qualquer outro nome que eu adotasse, seria inadequado, dada a importância do trabalho que me cabe desempenhar. Todos nós guardamos no fundo do coração um latente desejo de eternidade. Não há quem não tenha experimentado essa secreta aspiração de superar a Vida e a Morte.

PERSONAGEM A

- Infelizmente, porém, os prazos que nos foram concedidos são fatais.

MULHER

- Há recursos porém, e eu me estou valendo de um deles.

PERSONAGEM A

- Não seja então assim tão egoísta de guardar só para si segredo tão precioso. Ensine-me um deles.

MULHER

- Você já o tem em mãos.

PERSONAGEM A

- Indique-me qual é ele, porque ainda não o alcancei.

miolo_sob_ceu_antares.indd 210 07/03/2017 11:10:49

MULHER

- A palavra, o nome! Não está escrito nas Sagradas Escrituras que o Verbo é eterno?

PERSONAGEM A

- Sim, lá está escrito isso.

MULHER

- Pois bem, foi o que fiz. Escolhi um nome que é sinônimo de eternidade, para escutar, compreender e transmitir as palavras que você gostaria que perdurassem por todo o tempo.

PERSONAGEM A

- Você estava dizendo que se se chamasse Forma, quando eu a interrompi. Quer continuar com o que ia dizer?

MULHER

- Sim, dizia eu que se meu nome fosse Forma, seria inconstante e variável, como as dunas que o vento, esse artista caprichoso, faz e desfaz nas areias do deserto.

PERSONAGEM A

- Isso é uma imagem poética.

MULHER

- Que mostra, porém, mui claramente a inconsistência da Forma, para guarda das ideias, que as palavras contêm. E foi por sentir que você deseja dizer alguma coisa que perdure através dos tempos, alguma coisa que seja você mesmo, você de ontem e de hoje, de amanhã e de sempre, imutável na própria essência de suas ideias e de seus sentimentos, que eu vim hoje, com o nome de Alma, para guardar na própria eternidade da minha origem, os pensamentos que agitam a sua alma.

miolo_sob_ceu_antares.indd 211 07/03/2017 11:10:49

PERSONAGEM A

- Eu sou apenas uma criatura, como tantas outras. Um homem que busca uma explicação para as coisas da vida e que, não as tendo encontrado, julga ter visto no voo de um pássaro uma mensagem do passado, um convite para um retorno ao princípio da vida, a ver se ali encontra a explicação desejada e a inspiração necessária para prosseguir no caminho, sem desencantos nem desfalecimentos.

MULHER

- Para começar de novo?

PERSONAGEM A

- Isso infelizmente é impossível, mas ao menos para recompor as ideias. Arrumá-las, agrupá-las, através das idades. Recordar, perscrutar, indagar da própria natureza da vida, para concluir da sua finalidade.

MULHER

- E que relação pode haver entre um pássaro que voa e um homem que pensa?

PERSONAGEM A

- A mesma que existe entre a estrela que brilha e a água que reflete a sua luz. É a misteriosa ligação do que se move com o que está inerte. Invisível linha que prende o que foi ao que é. Por incrível que pareça, a própria distância constitui um traço de união entre os seres.

MULHER

- Quer dizer que esse pássaro, pela sua simples presença, ante os olhos do homem que o fitava, fez com que se

miolo_sob_ceu_antares.indd 212 07/03/2017 11:10:49

encontrassem diante dele, naquele momento, duas épocas, duas idades, tão afastadas uma da outra?

PERSONAGEM A

- Exatamente foi isso o que aconteceu. Diante do presente projetou-se o passado. O homem contemplou-o demoradamente, saudosamente. Comparou-o com o momento atual. Decepcionou-se. Procurou então antever no tempo, a marcha da vida, olhando para a frente, como quem busca enxergar o que existe no fim do caminho. A luz fugiu-lhe dos olhos fatigados. Espessa bruma recobriu os contornos indecisos e ele se viu só, diante do mundo, sem compreendê-lo. Pensou no poeta e lembrou-se de seus versos:

"Oh! Que saudades que eu tenho

Da aurora da minha vida

Da minha infância querida

Que os anos não trazem mais."

MULHER

- Não lhe parece isso um pessimismo exagerado, um demasiado desencanto de tudo?

PERSONAGEM A

- Reflete apenas a melancólica conclusão a que chega cada homem quando, após examinar o desenvolvimento da vida, verifica tristemente que falta a esta finalidade.

MULHER

- Acha, então, você, que a vida não merece ser vivida?

miolo_sob_ceu_antares.indd 213 07/03/2017 11:10:49

PERSONAGEM A

- Não é bem isso. Parece-me apenas que lhe falta conteúdo. Chego mesmo a pensar que fora do determinismo biológico da perpetuação da espécie, através da multiplicação indefinida da unidade, nada mais entrou em cogitação nos planos da natureza, ao criar a vida. Muitas vezes tenho pensado que, excluindo-se aquela finalidade, se qualquer criatura, dentre os milhões e milhões sem conta que têm passado pela vida, não o tivesse feito, isso em nada, absolutamente em nada, influiria sobre a marcha dos acontecimentos.

MULHER

- Que lugar você reserva aos sábios e aos santos, em suas considerações? Estarão acaso esquecidos ou você os inclui também no rol comum das inutilidades?

PERSONAGEM A

- São exceções, em reduzida minoria, que dia a dia mais se reduz. Cada vez mais a ciência trabalha para a morte. Pouco se faz para a vida. A velocidade supersônica, a desintegração do átomo, não têm tido por objetivo original nada senão a morte, a anulação do homem. A nenhum desses eventos o amor esteve presente. A palavra de ordem é destruir. Um trágico sopro de loucura varre a consciência dos povos. Os filósofos foram postos à margem, os poetas esquecidos, os santos postergados. O amor ausentou-se do mundo. Em seu lugar existe um sentimento de imediatismo, terrivelmente entranhado no coração dos homens. Os jovens crescem e se formam nesse ambiente. Tudo que se lhes ensina acaba tomando esse destino. Suas ambições escancaram-se como faces de feras. O lado nobre da vida está esquecido. Os exemplos se apagam, enquanto as vocações

miolo_sob_ceu_antares.indd 214 07/03/2017 11:10:49

se anulam, na luta tremenda pela conquista do dinheiro. Em breve os livros, os trabalhos de arte, as expressões de amor, não serão mais que um montão de ruínas, inútil e antiquado.

MULHER

(com tranquilidade) – Sobre o qual será edificado um novo mundo, fundado em novos conceitos de vida.

PERSONAGEM A

- Isso é impossível.

MULHER

- Engana-se. Este é o justo momento de iniciarmos a empresa.

PERSONAGEM A

- Não vejo meios de como consegui-lo.

MULHER

- Eles aí estão, ao alcance de todos.

PERSONAGEM A

- Não os encontro.

MULHER

- Você mesmo os apontou.

PERSONAGEM A

- Quando? Como?

MULHER

- Retornando ao princípio. Praticando a reversibilidade do tempo, marchando "do delta para as cachoeiras" como aconselhou o pensador. Olhando para cima, mirando o céu tranquilo e descobrindo no pássaro que voa a proveitosa mensagem que vem do alto. Venha comigo. Quero mostrar-lhe a oficina

miolo_sob_ceu_antares.indd 215 07/03/2017 11:10:49

onde, a estas horas, está sendo forjado o mundo melhor com que você sonhou.

OUVEM-SE MÚSICAS INFANTIS MISTURADAS COM O CANTO DO PÁSSARO, ENQUANTO OS DOIS SAEM E SE VAI FECHANDO O PANO

FIM

Rio de Janeiro, dezembro de 1954

miolo_sob_ceu_antares.indd 216 07/03/2017 11:10:49

COM MINHA MÃE ESTAREI

Peça em duas cenas, para alunos órfãos,
a ser encenada no Dia das Mães

Rio de Janeiro, 13 de maio de 1956

CENA I - Três garotos disputam uma partida de gude, enquanto um grupo de três alunos (ou mais) joga bafo (bafo de figurinha) e outro grupo também de três (ou mais) brinca de 3 Marias.

CENA II – Uma personagem (a Mestra) aproxima-se deles e ensina-lhes a rezar cantando.

CENA I

Abre-se o pano: 3 garotos correm a apanhar as bolinhas no chão (boca do palco), exclamam com alarido:

1° GAROTO

- "Marraio"!

miolo_sob_ceu_antares.indd 217 07/03/2017 11:10:49

2° GAROTO

– Segundo!

3° GAROTO

– Feridor é rei!

1° GAROTO

– Joga!

CADA UM ATIRA A SUA BOLA PELA ORDEM

3° GAROTO

(atirando) - Oba! Que ponto bacana!

2° GAROTO

- Vale carquinha? (joga)

1° GAROTO

– Vale, pode jogar que eu vou marraio. Agora expiem só o maior como é que joga!

FAZ POSE, MEDE UM PALMO DO ARTEFATO E JOGA A BOLA, PROCURANDO ATINGIR AS DOS COMPANHEIROS.

miolo_sob_ceu_antares.indd 218 07/03/2017 11:10:49

3° GAROTO

(protestando contra o primeiro) - Assim não! Olha só o palmo dele até onde vai. É até aqui. Ó, tá vendo? (risca o chão com o pé)

1° GAROTO

(empurrando-o) - Sai daí, perceba. Não dou busca.

2° GAROTO

– Vale tudo, uai! Que novidade é essa, gente?

1° GAROTO

– Não vale não. Não dou busca. Que é que há?

3° GAROTO

– Vale sim senhor. Vale busca. Vale tudo.

1° GAROTO

(batendo com o pé no chão) - Assim não jogo mais.

2° GAROTO

– Pois não jogue. Não falta quem queira.

UMA VOZ
(nos bastidores)

- José! Vem estudar! Depressa!

1° GAROTO

– Já vou, é um minutinho só.

miolo_sob_ceu_antares.indd 219 07/03/2017 11:10:49

UMA VOZ
(nos bastidores)

– Vem já, não ouviu? Vem logo senão eu vou te buscar.

2° GAROTO

(para o 3° Garoto) - Vamos embora companheiro, que a coisa vai ficar preta.

3° GAROTO

(para o 2° Garoto) - Vou dar o fora antes que sobre pra cima de mim.

1° GAROTO

(para os outros dois) - Não vão embora não! Vamos acabar a partida primeiro.

O 2° GAROTO E O 3° GAROTO
SAEM DE CENA, COM MEDO

1° GAROTO

- Que enjoo! Nunca posso brincar. É só estudar, estudar.

UMA VOZ
(nos bastidores)

– Vem José!

miolo_sob_ceu_antares.indd 220 07/03/2017 11:10:49

1° GAROTO

– Já vou. Arre! Que perseguição! Ninguém me entende. Eu quero estudar, mas não assim: a toda hora, toda hora. Se me deixassem à vontade garanto que estudava.

ATIRA AS BOLAS AO CHÃO COM
MAU-HUMOR E VIRA-SE PARA SAIR

CENA II

1° GAROTO AINDA EM CENA, SE
PREPARANDO PARA SAIR.
ENTRA A MESTRA, OUVINDO
AS ÚLTIMAS PALAVRAS DO GAROTO.

MESTRA

- E o que te falta para isso?

1° GAROTO

(com voz comovida) - Minha mãe!

MESTRA

– Por que não mandou chamá-la?

miolo_sob_ceu_antares.indd 221 07/03/2017 11:10:49

1° GAROTO

– Ela não pode vir. Já morreu.

MESTRA

– Pobrezinho! Conte-me a tua história.

1° GAROTO

– Depois que a perdi, vivo assim: preso nos colégios. Todo mundo me perseguindo. Fico com raiva e brigo.

MESTRA

– Por que não te fazes bonzinho? Seria melhor.

OS DEMAIS GAROTOS COMEÇAM A APROXIMAR-SE CURIOSOS

1° GAROTO

– Não deixam. Ninguém deixa. Tudo de ruim, quem faz sou eu. Tudo que eu faço é ruim. Como é que eu posso ficar bom? Eu bem que quero, mas não deixam.

MESTRA

– Nunca foste bom? Foste sempre assim, revoltado e brigão?

1° GAROTO

– Eu, não senhora. Foi depois que perdi minha mãe. No princípio chorei muito. Depois fiquei pensando: os outros

miolo_sob_ceu_antares.indd 222 07/03/2017 11:10:49

têm mãe, eu não. Por que? Me deu raiva. Então me puseram no colégio. Fiquei com mais raiva ainda.

MESTRA

– Mas assim será pior. Precisamos dar um jeito nisso. Quem sabe se tu ajudasses não conseguiríamos melhorar a situação. Não gostavas de tua mãezinha?

1° GAROTO

– Muito.

MESTRA

– E então? Isso já é meio caminho andado.

1° GAROTO

(admirado) - É verdade? A senhora garante?

MESTRA

– Garanto. É questão só da tua vontade.

1° GAROTO

– Que é preciso fazer?

MESTRA

– Que te aproximes dela.

1° GAROTO

– Como? Se ela está tão longe, lá no fundo da terra?

miolo_sob_ceu_antares.indd 223 07/03/2017 11:10:49

MESTRA

– Rezando.

1° GAROTO

– Já rezei, não adiantou nada.

MESTRA

– Reza é poesia. Rezar sem sentir, sem sofrer, não é rezar. É necessário que ponhamos a alma na oração que fazemos, senão de nada valerá.

- Experimenta fazer assim e verás que tudo mudará.

- Rezemos os dois: tu pensando nela e eu em ti, para que um novo caminho se abra aos teus passos, na viagem da vida.

- Vem comigo! Busquemos juntos sob a luz do amor, nas palavras da oração, a nova conduta que fará de ti um HOMEM, para glória do teu próximo.

- Vem! Nas asas do canto façamos subir ao céu, até tua mãezinha querida, teu desejo de ser bom.

TENDO EM VOLTA OS DEMAIS
GAROTOS DO QUADRO, A MESTRA
E O 1° GAROTO CANTAM

"No céu, no céu
Com minha mãe estarei"

FIM

miolo_sob_ceu_antares.indd 224 07/03/2017 11:10:50

ÚLTIMA REFLEXÃO

JAZIGO FAMILIAR

Aqui os reuni todos, à sombra da cruz, com afeto e saudade, para que assim me recebam com festas em sua mansa morada, quando eu chegar como um retardatário que se demorou no caminho, entretido.

Texto de Oduvaldo do Nascimento Matta,
escrito para ser gravado no
jazigo perpétuo da Família Matta,
no Cemitério do Caju.

Oduvaldo faleceu
cinco anos depois.

Rio de Janeiro, agosto de 1972

miolo_sob_ceu_antares.indd 226 07/03/2017 11:10:50

miolo_sob_ceu_antares.indd 227 07/03/2017 11:10:50

Este livro foi composto
em Electra LT pela Editora
Autografia e impresso em
papel pólen soft 80 g/m².

miolo_sob_ceu_antares.indd 228 07/03/2017 11:10:50